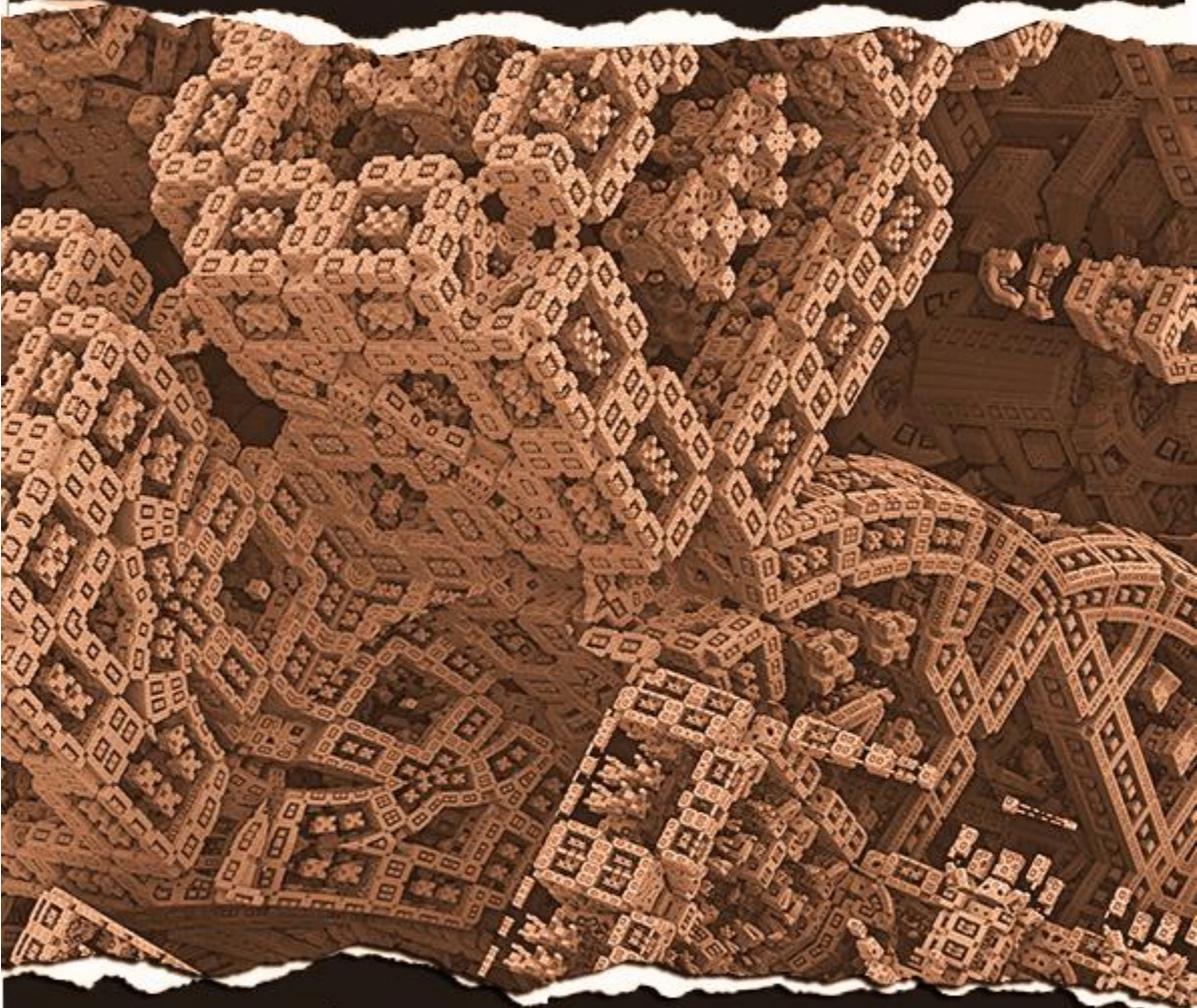




POR QUE OS SOCIÓLOGOS ERRAM SEMPRE?



GUSTAVO LUÍS GUTIERREZ
MARCO BETTINE DE ALMEIDA



POR QUE OS SOCIÓLOGOS ERRAM SEMPRE?

Gustavo Luís Gutierrez

Marco Bettine

DOI: 10.11606/9788564842403

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

Copyright © 2017 Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Endereço: Rua Arlindo Bértio, 1000 - Jardim Keralux, São Paulo - SP, 03828-000

Telefone: (11) 3091-1004

Universidade: Universidade de São Paulo (USP)

Campus: USP Leste, São Paulo, SP

Bibliotecária responsável: Brenda Fontes Malheiros de Castro

Diagramação: Marco Bettine

Capa: Sandra Bittencourt

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Gutierrez, Gustavo Luís

Por que os sociólogos erram sempre? / Gustavo Luís Gutierrez, Marco Bettine. – São Paulo : EACH, 2017

1 recurso online

Documento eletrônico em pdf

Modo de acesso ao texto :

<<http://200.144.182.130/ludens/index.php/pt/acervo/biblioteca-ludens/375-edicoes-disponiveis-em-formato-e-book> >

ISBN 978-85-64842-40-3

DOI: 10.11606/9788564842403

1. Sociologia. 2. Marxismo. I. Almeida, Marco Antonio Bettine de. II. Título.

CDD 22. ed. – 301

Dedicatória

A meu pai, Primitivo José Gutierrez Larrañaga, em memória.

Meu pai (que Deus o tenha, está enterrado no cemitério da Vila Formosa em São Paulo, junto a indigentes e trabalhadores pobres que o estado paga o enterro) foi indicado, no final da década de 1940, para organizar os escritórios da Aerolíneas Argentinas na Europa. Morou cinco anos entre Lisboa, Londres e Paris. Da França, contava esta historinha. Ele estava marcando uma passagem para Buenos Aires quando chegou um funcionário do Corpo Diplomático gritando com as funcionárias que ele tinha que viajar já! Conta o meu velho que ele viu duas mulheres bonitas marcando lugar no voo do dia seguinte. Ele avaliou a situação e optou por dar seu lugar para o cara do Corpo Diplomático e viajar no dia seguinte, na esperança de vir a ter algum contato com elas. O Diplomata ficou muito agradecido, apesar de o avião cair e morrerem todos os passageiros. Meu pai sempre me dizia: Meu filho, vá atrás das mulheres bonitas, elas dão sorte!

Tinha razão, eu não teria nascido sem elas...

(Gustavo Gutierrez)

Aos livros e a pequena Elis.

(Marco Bettine)

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1 – O que você tem para vender?	4
1.1.- Você se levanta um dia para trabalhar e, surpresa! Caiu o Muro.....	4
1.2.- No campo de Bourdieu, os marxistas comprovam a teoria de Darwin (sobrevivência da espécie através da adaptação)	7
1.3.- Nada será como antes	11
1.4.- O agri-doce reino da institucionalização.....	14
Capítulo 2 - Um problema de formação: existe formação?	19
2.1.- A culpa não é deles	19
2.2.- A culpa não é nossa.....	21
2.3.- Analogias possíveis e algumas amenidades.....	23
2.4.- O mercado forma	27
Capítulo 3 - Alguém já tinha percebido	31
3.1.- Maurício: erudito e autodidata.....	31
3.2.- Quase sério.....	32
3.3.- Lyotard é legal, mas não fala com a gente.....	42
Capítulo 4 - Quando o objeto atrapalha o modelo	48
4.1.- A sociologia não erra quando é impossível errar	48
4.2.- Marx.....	51
Capítulo 5 - O impiedoso	61
5.1.- Todas as racionalidades	61
5.2.- Frente ao gênio	64
5.2.1- O profeta científico	64
5.2.2.- O profeta não gosta de Deus	66
5.2.3.- A racionalidade de um modo de produção: bons X maus.....	69
5.2.4.- Engenheiro: limite-se à sua insignificância	73
5.3.- A teoria forja um real que confirma a teoria	77
5.4.- O escritor incansável fecha todas as portas	80
Capítulo 6 - Por que os sociólogos erram sempre?	82
6.1.- Porque é muito difícil	82
6.2.- Um mau momento	84
6.3.- Um pouco de arrogância.....	90
6.4.- Mais alguns problemas: o ser biológico entre Deus e as sociedades secretas	93
Capítulo 7 - Mais um caso	97
Observações finais	101
Um comentário sobre a Bibliografia.....	105
Referências.....	106

Introdução

Eric Hoffer, num texto publicado em 1952, intitulado “Os levantes populares em países comunistas”, discutindo especificamente a possibilidade de um colapso do modelo comunista na URSS, escreve o seguinte:

Mas há uma coisa que se não pode fazer sem riscos, é afrouxar e reformar. Tocqueville salienta-o com muita ênfase quando diz que 'nada senão o grande gênio político pode salvar um soberano que resolve aliviar seus súditos após um longo período de opressão'. Baseando-me nas observações de Tocqueville, sugeri em 1950 que uma rebelião popular na Rússia Soviética é bastante improvável, antes que o povo tenha uma amostra real de boa vida. O momento mais perigoso para o regime do Politburo será quando uma considerável melhoria nas condições econômicas das massas russas for atingida e a mão de aço totalitária for afrouxada. (*E disse ainda*) – o momento crítico para os regimes Comunistas virá 'quando começarem a reformar, isto é, quando começarem a mostrar tendências liberais!.' (HOFFER, 1969, p. 84)

Mais claro parece impossível. A União Soviética não vai desmoronar em 1950. É preciso que estejam presentes algumas condições muito específicas: melhores condições econômicas, seguidas de movimentos de liberalização, ou em outras palavras frearem a mão dura do estado (podemos chamar este movimento de Glasnost), e propor reformas no modelo de gestão da economia planificada (podemos chamar isto de Perestroyka). O mais interessante aqui é que não se trata de uma antevisão mística de Hoffer sobre a queda da URSS, ou um momento de sensibilidade poética. Ele coloca claramente que está baseando sua análise nas categorias de Tocqueville, um autor respeitado e clássico no campo de conhecimento das ciências políticas, e mostra as condições necessárias para o colapso, conforme ficaria ilustrado

em 1989.

A pergunta então é:

(a) por que, no meio da década de oitenta, não vamos encontrar nenhum intelectual na área que recupere o pensamento de Tocqueville e perceba, usando suas categorias de análise, que o modelo soviético está com problemas?

(b) por que, no meio da década de oitenta, não vamos encontrar nenhum intelectual na área que recupere a análise de Hoffer sobre os comunistas, a partir de Tocqueville, e perceba que o modelo soviético está com problemas?

A resposta é simples. Por que a área da sociologia não funciona. Ela pode até produzir textos esparsos com conteúdo de verdade, que dialogam com seu objeto. Mas como área de conhecimento, no sentido forte do termo, ela não existe. Não se estabelece como um corpo teórico que, apesar de divergências internas entre diferentes abordagens, produz conhecimento verdadeiro sobre seu objeto.

O fato é que a sociologia se apequenou. Era a área de conhecimento que detinha o maior, mais complexo e mais diversificado objeto de pesquisa: a sociedade. E antes da crise de paradigmas pós queda do Muro de Berlim chamava para si as mais amplas questões que podia conceber o cérebro humano. Mas aí ela se perdeu, e as áreas concorrentes, desde a política e a antropologia até a medicina social, ou saúde pública, passaram a arrancar-lhe pedaços.

Esperamos que, até o final deste texto, algumas das razões que levaram o campo da sociologia a viver esta situação estejam mais claras.

O texto a seguir não segue as regras mais evidentes da ortodoxia acadêmica. A reflexão teórica dará espaços para descrições de cenas de acontecimentos sociais imaginários, com dupla função. Por um lado, tentam tornar a leitura menos árida e

cansativa e, por outro, buscam esclarecer e reforçar os conceitos apresentados através de exemplos ilustrativos.

Os casos apresentados são frutos da imaginação e seus personagens jamais existiram no mundo real. Num planeta com mais de sete bilhões de pessoas sempre pode acontecer de alguém se identificar com alguma situação. Nossa! Eu vivi uma situação parecida! Vamos deixar claro, trata-se de uma simples coincidência que a estatística explica facilmente.

No final dos anos setenta todo o Brasil cantava "Eu sou apenas um rapaz latino americano, sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior...". Vamos imaginar, para efeito deste texto, um personagem fictício que será denominado de Professor Latino Americano (ProfLA)... o resto vocês já sabem. Pois bem, este professor e seus relatos vão nos ajudar a tornar o texto mais leve e as proposições mais compreensíveis, assim esperamos.

Capítulo 1 – O que você tem para vender?

1.1.- Você se levanta um dia para trabalhar e, surpresa! Caiu o Muro...

Quando o Muro de Berlim caiu, ou pelo menos quando ficou claro que ele tinha caído, o prof.LA estava num ônibus intermunicipal em direção ao interior do estado, para uma cidade pequena, com uma universidade estadual. Anos antes ele passara no concurso para professor de sociologia na faculdade de Ciências Sociais do campus.

A queda do Muro, e o conseqüente desmonte da União Soviética, apesar de surpreendentemente espantoso, não parecia afetar diretamente sua vida. Desde há muito tempo estava claro que a evolução do socialismo real não implicava nada em suas pesquisas.

As mazelas do socialismo real não o afetavam nem emocionalmente (nunca foi membro de nenhum grupo marxista) e nem tampouco profissionalmente (as pesquisas não dependiam nem da ortodoxia institucional marxista, nem da leitura de seus textos e nem, em última instância, de uma fonte de financiamento ligada a algum grupo institucionalizado de comunistas).

Na sua perspectiva de análise a União Soviética era um modelo fortemente burocrático, fundamentado na repressão policial e dirigido por uma elite que se institucionalizava e se legitimava através da memória heróica de um partido que fora, no passado, revolucionário. Havia amplos sinais confirmando esta percepção, começando com as piadas que os próprios soviéticos contavam, por exemplo - “Eles fingem que nos pagam salários e nós fingimos que trabalhamos”, ou ainda a explicação para as longas filas que se formaram à frente do primeiro McDonalds aberto em Moscou - “Os russos não estavam na fila para comprar um Big Mac, eles

queriam mesmo é ver um russo trabalhando...”.

Só para citar um exemplo das contradições, havia um colega que era um caso raríssimo de comunista pobre, de origem bem humilde. Uma vez ele confessou que teve enormes dificuldades para entrar no partido, justamente porque não tinham contatos e indicações. O prof.LA se lembrava disso porque pareceu uma situação meio paradoxal. É de se imaginar que as pessoas que queriam ser comunistas fossem rebeldes e contestatórias. Parecia estranho esperar que pessoas com esse perfil se apresentassem munidas de cartas de recomendação. Mas, como já foi colocado, nada disso se apresentava como um problema para ele.

É importante destacar, antes de tudo, que para falar de sociologia é imprescindível falar dos comunistas. Mas, atenção com as palavras, não se trata de falar do comunismo ou da teoria marxista, mas dos comunistas, das pessoas que comungavam e compartilhavam esta doutrina. A resposta para a questão do título deste texto está, precisamente, na interface entre a construção paradigmática do campo da pesquisa em sociologia e os comunistas.

Assim sendo, como estávamos expondo, este colega do prof.LA, caso raríssimo de comunista de origem humilde, tinha um sobrinho muito querido. Ele conseguiu, via partidão (parece que ele acabou sendo importante no PCB) uma bolsa de estudos com tudo pago, embora em rublos, para o menino cursar engenharia na URSS. Não é pouca coisa hoje, e não era pouco na época também. Quando o menino voltou o tio foi o primeiro a recebê-lo no aeroporto, ansioso pelas suas impressões e notícias da pátria dos trabalhadores. Ele comentou com o prof.LA várias aspectos do encontro. A única coisa não esquecida foi que o menino teria dito a ele - “Tio, a União Soviética tem problemas que vocês, daqui, não conseguem sequer imaginar”. A frase em si não foi impactante, mas o tom no qual o tio do rapaz a reproduziu, foi preocupante.

Por essas e por outras o prof.LA ficou bastante surpreso, ao chegar ao campus da universidade depois da queda famosa do Muro, com a expressão de acachapante derrota no semblante dos colegas comunistas, das mais diversas tendências. Uma

coisa que ele não percebeu na hora é que, apesar de ser um Campus Muito Longe das Capitais (CMLdC), boa parte dos colegas tinha sido contratado através de articulações com outros colegas que tinham em comum uma filiação político partidária de natureza comunista. Na verdade, o prof.LA era o ponto fora da curva.

Destacava-se, especialmente, uma colega bonita, magrinha, que estava definitivamente arrasada com a queda do muro. É improvável que hoje ela se lembre do prof.LA, ela o considerava uma espécie de não comunista e as pessoas assim classificadas não tinham uma existência muito concreta para ela. Mas ela era jovem, resiliente, bonita e, apesar do impacto inicial, se recuperou. Houve muitos outros que não se recuperaram e largaram a carreira acadêmica porque não conseguiam mais estudar e escrever.

Três ou quatro meses depois aconteceria, no CMLdC, um Seminário Internacional, onde comunistas de vários cantos do mundo discordavam entre si, em diferentes idiomas, fingindo um nível mínimo de cortesia. Os ouvintes, por sua vez, torciam abertamente, tentando ajudar seus preferidos (e prejudicar os desafetos) com longuíssimas intervenções. A coleguinha fora uma das organizadoras do evento. Ela corria feliz, para cima e para baixo, atendendo as pessoas e resolvendo os problemas de organização. Mostrava um lindo brilho nos seus olhos quando explicava, com a paciência devida a um não comunista que não entende muito bem essas questões complexas do movimento da história, da dialética e das leis de tendência, que o sucesso do seminário apontava definitivamente para a sobrevivência do marxismo como força política e sua capacidade de renovação, apesar do desmonte da União Soviética.

Ela superou tudo isso. Anos depois desfrutava suas licenças-prêmio e sabáticos passeando com colegas por Paris, financiada por alguma agência de fomento, levando uma baguete embaixo do braço, totalmente incorporada à fauna local.

Ela sofreu uma tentativa de assédio sexual, hoje em dia seria visto assim. Na época foi interpretada como uma cantada mais insistente. O autor foi um

companheiro de ideologia. A política e a delicadeza raramente andam juntas. Ela veio comentar o acontecido com o prof.LA, toda sentida, realmente chateada. Quando ele tornou a encontrá-la na semana seguinte procurou externar sua preocupação e solidariedade. Ela respondeu que estava ótima, que tudo já tinha sido assimilado e devidamente superado:

– Ele não é um verdadeiro comunista!

O prof.LA ficou observando-a, o que sempre era agradável, tentando dar sentido à afirmação. Falou algo do tipo, fico feliz, que bom.

Pois bem, acontecera o seguinte: o problema dela não era a violência do assédio sexual, mas o fato da ação ter sido realizada por um companheiro de corrente política. Ela passou toda a semana revisando as posições que o colega adotara recentemente nas reuniões do partido, assembleias, etc. e concluiu que ele já se afastara da linha partidária correta. Portanto, a violência não viera de um verdadeiro comunista, e assim tudo estava resolvido.

Pode-se tirar uma lição disso: não é impossível entender a cabeça de um comunista... é inútil.

1.2.- No campo de Bourdieu, os marxistas comprovam a teoria de Darwin (sobrevivência da espécie através da adaptação)

A queda do Muro, de certa forma, foi positiva para o prof.LA. Ele estava estudando, na época, autores considerados heterodoxos desde a perspectiva marxista. O holocausto comunista, na falta de uma palavra melhor, fez com estes autores rapidamente passassem da categoria de equivocados, revisionistas ou pequeno-burgueses, para a categoria mais valorizada de interlocutores interessantes. Da mesma

forma, alguns objetos de pesquisa considerados revisões burguesas, ou desvios ideológicos, foram incorporados ao debate legitimado no campo marxista.

Surgiram, de fato, algumas pessoas sinceramente interessadas na renovação da pauta marxista e sua articulação com a transformação social. Mas a grande maioria era composta de oportunistas, preocupados unicamente com se manter em evidência, preservando as benesses a que têm direito histórico as vanguardas das lutas políticas da classe trabalhadora.

Uma piada dos tempos da perestroyka ajuda a entender o processo.

“Está Gorbachov, em Moscou, no meio da maior crise do modelo soviético.

Decide-se por uma medida extrema, fazer uma sessão espírita e chamar o espírito de Stalin para pedir conselhos.

Reúnem-se as pessoas, o espírito é chamado e aparece Stalin. Ficam todos assustados, afinal está ali o Stalin.

Gorbachov levanta a mão e fala:

Camarada Stalin, a revolução soviética está em crise, como diria o camarada Lenin: O que fazer?

E Stalin responde: Fique tranquilo, primeiro mande fuzilar a metade dos membros do Politburo Central, e depois mande pintar o prédio do Kremlin de verde.

Segue-se um silêncio constrangido até que Gorbachov, mais uma vez, pede a palavra:

Camarada Stalin, por favor, posso fazer mais uma pergunta?

Sim camarada.

Por que verde?

E aí Stalin responde: Pois é... eu sabia que isso ia te deixar confuso...”

O marxismo, como uma ideologia monolítica, funciona dessa forma. Qualquer ideia diferente parece ser muito estranha, ao mesmo tempo em que uma ideia desumana, desprovida de qualquer valor ético (matar pessoas), desde que articulada com o passado do marxismo, ou seja típica na perspectiva conservadora do movimento, parece razoável.

Cabe destacar que para alguns intelectuais a queda do Muro foi realmente trágica. Houve casos de pessoas cultas e ativas que simplesmente abandonaram qualquer participação no debate intelectual. Porém, com exceção do pessoal que surtou imediatamente, todos se salvaram, uns melhores que outros é claro.

Dizem que a elite atual na Rússia provém de antigos quadros de dirigentes da URSS e do partido comunista, a exemplo do próprio Putin. O campo acadêmico aqui parece reproduzir o mesmo processo, em muito menor escala, é óbvio. Praticamente todos os acadêmicos comunistas acharam um caminho para continuar minimamente produtivos. Um estudioso de Marx vai escrever sobre a globalização, outros acharam empregos na política, alguns vão debater a solidariedade, teve até comunista traduzindo livros infantis.

É claro que o processo não foi igualitário. Mesmo sem querer os comunistas acabaram ilustrando algumas ideias de Bourdieu. Aqueles que, antes da queda do Muro, dispunham de mais capital simbólico e de relações sociais conseguiram preservar posições mais altas dentro do campo acadêmico, em comparação com aqueles que saíram de uma posição com menos capital.

O fato de quase todos se salvarem (com exceção, talvez, dos mais autênticos) foi bom do ponto de vista pessoal. Mas do ponto de vista do processo revolucionário como um todo e da renovação da área de conhecimento, não foi assim tão bom.

Por um lado, devia ter sido feita uma análise cuidadosa do retumbante fracasso do projeto socialista estatizante no momento em que ele aconteceu. Os comunistas,

que vinham há quase um século enchendo todo o mundo com as famosas autocríticas, deixaram de fazer a única que efetivamente deveria ter sido feita. E, por outro lado, o fato das pessoas individualmente sobreviverem profissionalmente, em alguns casos com muito sucesso, tanto econômico como de visibilidade, deu a falsa impressão de que o modelo soterrado pelo Muro continuava igual que sempre, muito bem de saúde obrigado.

Faz lembrar uma piada muito antiga. Quem contava era um comunista jovem, idealista e desinteressado. Dizia ele que o sistema capitalista é igual a um porco gordo, glutão e descuidado, que quando come deixa cair restos de comida por todo lado. Como a comida está perdida no chão, e o sujeito tem fome, ele não vê nada de errado em pegar um resto caído aqui e outro ali... e quando abre o olho está comendo na mão do porcão.

Todo mundo, nos anos setenta e oitenta, amava muito a revolução, embora só Cohn Bendit tenha tido a ideia de ganhar dinheiro colocando a frase no título de um livro, bastante fraco, aliás. Mas o fato é que o projeto ideológico do comunismo, ou ainda do socialismo real, foi morto e enterrado, vítima de si mesmo, sem nenhuma crise dialética. A imagem da professora, correndo para cima e para baixo, com os olhos brilhantes de alegria por conta de seu tão bem sucedido Seminário Internacional, é a imagem que melhor sintetiza todo o processo. O porco glutão não só deixaria os comunistas vivos, como continuaria a financiar suas viagens pelo mundo, para participar de outros seminários tão revolucionários como aquele.

Enfim, todos se salvaram, alguns inclusive com muita dignidade, como é o caso exemplar e magistral de Jacob Gorender.

1.3.- Nada será como antes

Se restringirmos a questão da falência do socialismo real ao campo acadêmico, ao campo da discussão de ideias, concretamente nada precisaria mudar. Marx deixou claro em seus escritos que não havia nenhuma possibilidade de fazer a revolução na Rússia. A revolução começa, por definição, nos países de capitalismo mais avançado, onde as contradições do modo de produção capitalista foram levadas ao seu limite: Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos.

Seguindo na mesma direção, Marx vai afirmar no final da vida que tinha uma certeza: não era marxista! Ou seja, o próprio e genial Marx deixou nas suas obras alternativas para que os comunistas resgassem o velho barbudo dessa confusão toda que foi a Revolução Russa e a construção da URSS.

Pois bem, com honrosas exceções, quase ninguém achou que seguir esse caminho, ortodoxo com relação ao mestre fosse uma boa ideia. Na realidade material, e atendendo às expectativas do mercado, publicou-se uma quantidade enorme de títulos referentes à queda do Muro, com um rigor metodológico flexível e sem nenhum afastamento temporal, que venderam muito bem e foram rapidamente esquecidos.

Hoje, depois que a poeira assentou, que novos documentos podem ser consultados e os personagens da história podem dar depoimentos com menos pressão, o mercado editorial elegeu outras prioridades com maior porcentual de lucro. A história do Muro ainda está para ser escrita.

O otimismo natural de algumas pessoas, a inércia própria e característica de um movimento político do tamanho do comunismo internacional e, no caso brasileiro, a possibilidade de ascensão ao poder de quadros originais dos partidos identificados com essa ideologia, justificaram o brilho dos olhos da professora.

Havia, contudo, um pessoal mais pessimista e, portanto, mais realista. Gente ligada ao antigo PCB, com vivência sindical, previa um forte retrocesso nas conquistas trabalhistas. Na verdade, partiam de uma análise pragmática: acabou o financiamento! Para eles, a URSS cumpria um papel não apenas simbólico, ou ideológico, mas também prático de financiar organizações sindicais, eventos, meios de difusão, etc., pelo menos para os que se alinhavam com ela. Agora, ia faltar dinheiro. É preciso reconhecer que a URSS gastava muito dinheiro pelo mundo afora tentando financiar o seu modelo de revolução.

Ao mesmo tempo em que o mercado editorial faturava explicando o que naquele momento não podia ser explicado, começa também a corrida para ocupar o espaço teórico que o enfraquecimento do referencial marxista, e indiretamente as teorias que dialogavam com ele, deixava. É o momento de novas escolas de pensamento, ou da revisão de antigas. Para além da já clássica teoria do fim da história, carro chefe do conservadorismo, vai brilhar a discussão sobre globalização (ou mundialização se o autor torce pelos franceses), o fim da centralidade do paradigma trabalho (onde o naufrágio do marxismo levaria abraçado com ele a Weber e Durkheim) e a pós-modernidade.

Esta última escola faz uma aproximação interessante da realidade. Todos os autores pós-queda do Muro precisam, de alguma forma, transcender o marxismo e a revolução. Neste caso, os pós-modernos assumem a revolução como um elemento característico da modernidade, portanto nenhuma revolução anuncia o seu fim, mas a sua continuidade. O que vai caracterizar a pós-modernidade não é uma revolução, mas levar ao limite as características deste período moderno, exacerbando o consumismo, o uso da tecnologia, comunicações, simulacro, pastiche e assim por diante.

O debate cresceu bastante no início e, rapidamente, perdeu fôlego. A verdade é que grande parte dos autores era muito ruim, limitando-se a citar aspectos desconexos que tornavam o seu discurso uma caricatura do objeto que pretendiam mostrar. A

grande exceção, sem dúvida, foi Lyotard. Por alguma razão, este interessante intelectual não teve energia ou vontade para manter a questão da pós-modernidade discutida em alto nível. Aparentemente, ele mesmo não se via confortável no papel. Pouco depois do estrondoso sucesso de seu livro sobre pós-modernidade ele lançou outro, com o subtítulo “explicado às crianças” o que é, convenhamos, no mínimo agressivo. Mais adiante escreveu outro livro, sobre André Malraux, bastante crítico ao pensador francês, o que novamente não é o melhor caminho para ser um queridinho dos intelectuais da área de humanas em geral. Falaremos mais dele adiante.

A queda do muro catapultou para a glória alguns autores que souberam se posicionar corretamente. Habermas é o que melhor aproveitou o momento. Sua obra principal, a Teoria da Ação Comunicativa (2010), apresenta todas as ambivalências imprescindíveis para fascinar leitores carentes de alguém que aponte um mundo melhor amanhã. Além disso, o autor enquanto último representante da Escola de Frankfurt possui o melhor pedigree possível no campo.

Bourdieu é outro autor que aumentou seu fã clube, embora talvez de forma menos espetacular que Habermas. E aproveitou seu bom posicionamento, após a queda do Muro, para ficar mais exigente com relação à publicação de traduções de seus livros no Brasil.

Com relação a Norbert Elias, aqui sim podemos falar de um verdadeiro resgate da história. Sua paixão pelo esporte, especialmente pelo futebol, ajudou a que a dimensão conservadora e claramente elitista da sua Teoria do Processo Civilizatório (o próprio nome diz tudo) circulasse sem grandes críticas pelo meio acadêmico e cultural.

1.4.- O agridoce reino da institucionalização

O campo acadêmico é muito especializado. Depois que uma área de pesquisa, ou até mesmo uma disciplina, é reconhecida pela instituição é muito difícil que venha a ser descartada. Mas sua presença e importância tende a variar com o tempo. O latim, por exemplo, pode ser disciplina obrigatória em todas as escolas do país, ou pode se restringir a um grupo de especialistas num departamento universitário.

No caso específico das ciências humanas, como basicamente inexistente o recurso da prova empírica ou laboratorial, a legitimidade das áreas e subáreas vai depender do seu sucesso nas discussões no interior do campo. Na prática, isto significa dizer que um pequeno grupo de professores muito atuantes, que debatam e publiquem regularmente sobre um tema específico, e que consigam fazer um congresso anual com personagens estrangeiros sobre o tema, tem grande chance de se viabilizar no modelo estatal de financiamento à pesquisa, constituindo-se como linha em programas de pós-graduação, e perpetuar a sua existência no tempo através de gerações de estudiosos do assunto, financiados com bolsas de iniciação científica, trabalho de conclusão de curso, mestrado e doutorado.

Dizem os muito românticos que um sonho, quando é compartilhado por muitas pessoas, torna-se realidade. Pois é, pelo menos nos cursos de ciências humanas isto é uma verdade. Quer dizer, não se torna realidade no sentido de ter contato com o mundo real, continua sendo um devaneio, mas têm grandes chances de se tornar uma linha de pesquisa reconhecida pela CAPES, ou até um departamento universitário.

A divisão do mundo entre comunistas e não comunistas balizava, minimamente, o campo. A implosão desta divisão abriu espaço para uma proliferação de temáticas relativamente específicas, pouco relacionadas com a realidade social mais ampla (podendo ou não se ligar organicamente a demandas restritas e delimitadas) e fortemente auto referenciadas. No reino da liberdade garantida pela

autonomia acadêmica para pesquisar, estes grupos semi-autistas passaram a se reproduzir em escala crescente, apesar de não dialogarem com quase ninguém no mundo real, ou de dialogarem com grupos numericamente muito pequenos. Qualquer crítica à existência deles será tratada como autoritária, preconceituosa, desinformada e, principalmente conservadora, no sentido que reforça a normatividade hegemônica presente.

E assim, não apenas todos se salvaram como também ocorreu uma renovação do campo acadêmico. Este processo atendeu à necessidade imediata de sobrevivência dos membros do grupo, mas não resolveu o problema básico de distanciamento do mundo real e, ainda por cima, cobrou um alto preço em termos de burocratização.

Se ontem na academia o comunista fingia ser funcionário público para fomentar uma revolução que tinha raízes na sociedade, hoje o funcionário público posa de comunista atrás de uma revolução que não tem mais nenhuma ressonância na sociedade contemporânea.

A percepção que a sociedade tem da importância de uma área de pesquisa depende muito dos meios de comunicação, ou seja, da forma como os jornalistas reproduzem a opinião de especialistas legitimados pelas instituições. O fato dos membros do campo manterem seus empregos não significa que sejam percebidos pela sociedade como detentores de avaliações e opiniões válidas e competentes, espera-se, com evidente razão, que o sociólogo compreenda e explique a realidade social. Afinal, esse é o seu objeto de pesquisa. Quando o Muro de Berlim cai e deixa todos os sociólogos tão espantados, ou mais, que qualquer outro mortal, isso não é bom. Não se trata, óbvio, de cobrar de especialistas acadêmicos habilidades mediúnicas. Mas é impossível negar o fato que as transformações sociais são geradas no âmbito da própria sociedade, não são fenômenos da natureza como um Tsunami ou a erupção de um vulcão (embora até nestes casos a sociedade espere dos cientistas algum tipo de percepção antecipada).

Não é razoável imaginar que uma transformação da magnitude do colapso

universal do socialismo real venha a ocorrer sem emitir sinais que permitam aos especialistas aventar minimamente a hipótese do que viria acontecer, considerando que eles foram treinados para observar e compreender a sociedade, através de cursos de mestrado, doutorado, pós-doutorado e milhares de milhas aéreas frequentando os mais renomados congressos internacionais.

Mas, tudo bem, quem poderia imaginar. Havia muita pressão ideológica em jogo, vamos dar um desconto para os sociólogos. O problema é que na sequência ocorre a explosão da Primavera Árabe, que transforma radicalmente as condições sociais de vida e de poder de toda uma região do mundo. Começa a ficar complicado usar a mesma desculpa, quem poderia imaginar...

Esta desculpa, definitivamente, não pode ser usada no estouro da bolha das hipotecas nos Estados Unidos, já que todo o mundo que acompanhava minimamente a seção de economia dos jornais sabia da sua existência. A maior crise do capitalismo desde 1929 chega, se não for maior que a de 29, se instala e os últimos a perceberem que o capitalismo está à beira de um desastre total são, vejam vocês se a história não prega peças, justamente os sociólogos comunistas que anunciam, há mais de cem anos, o fim do capitalismo.

Tudo bem, o pessoal ainda tentou pegar carona, apresentar análises *post facto*, mas não funcionou, as pessoas estavam olhando e perceberam que os sociólogos estão totalmente perdidos.

Assim, uma área de pesquisa cujos membros mais afamados nos anos setenta lotavam auditórios e eram entrevistados pelos meios jornalísticos mais importantes, caminha a passos largos para dividir a sala com os estudiosos de latim. Basta ver que, hoje em dia, a opinião de um musculoso jogador de futebol, ou de uma modelo anoréxica, tem muito mais peso para a mídia, e para a sociedade, que a de um sociólogo.

Com a queda do Muro instala-se a ideia da existência de uma crise de

paradigmas no campo das humanas. A sequência lógica dos acontecimentos poderia ser assim descrita:

- (a) o muro caiu,
- (b) ocorre uma crise de paradigmas no campo ou, mais especificamente, uma crise do paradigma baseado na centralidade da categoria trabalho enquanto categoria social macro explicativa,
- (c) os membros do campo buscam formas de sobrevivência acadêmica tentando salvar a área,
- (d) a legitimidade histórica das escolas de pensamento, e da própria área dentro do campo científico, garante a sobrevivência institucional e pessoal, mesmo que não sejam construídos consensos mínimos,
- (e) assistimos o crescimento de diferentes temas de interesse,
- (f) apesar da diversificação temática a sociedade não demonstra interesse, ou confiança, no discurso da área.

Este cenário, embora pareça coerente e plausível, não é verdadeiro. O seu grande mérito é que ele escamoteia a responsabilidade do pesquisador pela crise de paradigmas. Nesta explicação, a crise e a falta de diálogo com a sociedade se instalam em consequência de um fator externo ao campo. Ou seja, não é o pesquisador que fracassa em seu trabalho profissional de entender o social, mas é o social, através de uma ruptura inesperada que coloca em xeque os referenciais que o pesquisador usava até então. É uma solução muito conveniente, afinal não se trata de videntes.

Mas é possível fazer uma interpretação diferente da sucessão de acontecimentos. Uma solução menos cômoda, mas bastante realista, é que os paradigmas adotados para pesquisar a sociedade já tinham caducado há muito tempo, muito antes de o Muro cair. Isto vai explicar, ao menos em parte, o espanto do

pesquisador pego totalmente de surpresa pelas transformações do objeto que ele, teoricamente, devia estudar, compreender e ter um pouco de intimidade. Não é a queda do Muro que inicia a crise de paradigmas, pelo contrário, o fato da queda do Muro ser um elemento absolutamente surpreendente apenas ilustra a falência dos paradigmas teóricos adotados para compreender o objeto de pesquisa, embora só se torne evidente naquele momento.

Não é justo pensar que a sociologia não contribui em nada para compreender a sociedade. Houve momentos em que ciência e objeto andaram bastante próximos, como ilustra vida e obra de alguns autores clássicos, mas tudo indica que em algum momento dos anos setenta esta aliança se desfaz, o pesquisador perde o passo e cada vez se torna mais difícil a comunicação.

Até a realidade se impor ao pesquisador numa sucessão de atropelamentos.

Capítulo 2.- Um problema de formação: existe formação?

2.1.- A culpa não é deles

Já ficou mais ou menos estabelecido que a crise no campo das humanidades, e muito especificamente na sociologia, não começa com a queda do Muro mas, pelo contrário, o espanto com a queda é o sinal de uma crise de paradigmas previamente instalada ou, em outras palavras, muito antes do Muro cair os paradigmas que norteavam a produção teórica em grande parte das ciências humanas e, especialmente na sociologia, estavam defasados com relação à realidade social.

Em termos concretos trata-se de constatar que a geração de pensadores estabelecidos e dominantes na década de oitenta é incompetente com relação à compreensão do objeto que pretende estudar, e que não consegue, conseqüentemente, passar para o público mais amplo uma interpretação da realidade social na qual este público confie, e se identifique com ela.

Isto é apenas meia verdade. Parece correto afirmar que o descompasso definitivo entre o objeto de pesquisa e a capacidade de estudá-lo se dá na década de oitenta. Não parece verdade, contudo, que a falência do campo da sociologia seja culpa exclusiva deles. Em primeiro lugar convém destacar que não se trata da incompetência de A ou B. É toda uma geração de profissionais que, de repente, se vê mal posicionada frente às exigências de seu objeto de pesquisa. E, em segundo lugar, é preciso ter presente que essa geração não caiu do céu, ou brotou da terra como uma árvore, ela foi formada pela geração anterior, a geração do pós-guerra. É nesta transição que se dá o descompasso entre a pesquisa e a realidade, partindo da

premissa que exista algo parecido com formação intelectual no campo da sociologia.

Abrem-se, assim, duas hipóteses de trabalho:

(a) a geração dos anos oitenta foi mal formada, enquanto pesquisadores profissionais e acadêmicos, pela geração dos seus mestres, basicamente a geração típica dos pós-guerra, da contra cultura, das drogas, amor livre e etc., ou

(b) não é característico do campo da sociologia formar seus quadros, portanto não existe uma relação de formação entre uma geração e a seguinte.

A princípio, a opção “b” parece melhor posicionada. O prof.LA, por exemplo, em toda sua carreira lecionando sociologia em cursos de ciências sociais não se lembra de uma reunião, um núcleo de pesquisa ou um grupo de trabalho preocupado com a formação dos sociólogos. Pedagogos formam pedagogos, biblioteconomistas formam biblioteconomistas, bacharéis em filosofia formam bacharéis em filosofia (não confundir com filósofos, eles se orgulham de não formar filósofos). O professor de um curso de ciências sociais forma, ou pelo menos formava naquele momento, um monte de comunistas, alguns liberais, um anarquista (se tiver sorte) e alguns sujeitos meios estranhos com uma espécie de fetiche por índios, eventualmente por nudistas ou ainda prostitutas. Não passava pela cabeça de ninguém que o curso universitário está lá para formar profissionais, o jogo se resume em tentar aumentar a torcida de seu time. E, conseqüentemente, eliminar o adversário.

Na verdade, era um jogo a duas mãos, já que os próprios alunos chegavam ansiosos por encontrar seu lugar na tabela de classificação. Não faz muito sentido pensar que os sociólogos da geração hippie tivessem competência, ou até mesmo vocação, para formar uma geração de pesquisadores sistemáticos, organizados e profissionais. A geração dos anos oitenta, a que foi soterrada pela queda do Muro, é uma geração fascinada pelos movimentos do pós-guerra nos campos da cultura, do

corpo, das artes e, até mesmo, da política. Bebeu a revolução com a mamadeira e, paradoxalmente, se tornaram obedientes e disciplinados seguidores da transgressão.

No ocidente, onde existe liberdade para fazer ciência (e para todo o resto...) a transgressão vai ser identificada com o socialismo real, o que não deixa de ser estranho, considerando que nos países do socialismo real a ciência sempre se limitou a fazer a apologia do regime.

Neste ocidente liberal e pequeno burguês vai haver espaço para críticas, debates acalorados e a multiplicação das facções, mas não chega ao ponto de questionar o dogmatismo de uma linha teórica fundamentada no culto da transgressão. Um observador, que goste das categorias freudianas, poderia dizer que a construção de uma nova escola teórica seria parecida a matar o pai. Neste caso, aparentemente, muito poucos tiveram o valor de matar o pai. São filhos obedientes da transgressão.

2.2.- A culpa não é nossa

Na sociologia a obra teórica do sociólogo se caracteriza por:

- (a) ser desenvolvida por um pesquisador com uma formação muito solta, ou muito particular, no sentido de experiências específicas vivenciadas,
- (b) o objeto de pesquisa é precocemente escolhido, por razões que o próprio pesquisador tem dificuldade de explicar,
- (c) o desenvolvimento da pesquisa sobre o objeto em questão é fortemente definido pelo meio cultural específico e
- (d) é marcado por coincidências fundamentais, incontroláveis e difíceis de conhecer.

Neste sentido, é difícil imaginar que a obra de um pesquisador, ou mesmo parte dela, possa ter um significado claro isolado de sua biografia, e das características ambientais que estiveram presentes em seu desenvolvimento.

A consequência imediata é a evidente dificuldade para construir uma escola de pensamento, compreendida aqui como uma sucessão de pensadores que possa dar continuidade à pesquisa de um objeto determinado na mesma perspectiva epistemológica, ou ainda numa perspectiva metodológica que evolua constantemente a partir de um marco teórico inicial e reconhecido por todos os participantes. Ou o grupo não evolui, como é o caso do marxismo (discutiremos as razões mais adiante), ou os membros não conversam entre si. Na sociologia, particularmente, parte-se de pesquisadores com uma formação frouxa, ou em outras palavras heterogênea, numa área de trabalho que não tem o recurso da prova empírica para demonstrar o conteúdo de verdade das assertivas, onde a direção e as características teóricas apresentadas resultam não só da vontade do autor, mas também de dimensões pouco controladas (como o ambiente social imediato), ou ainda de uma dimensão aleatória, portanto não controlada e inclusive não conhecida.

Apenas a título de especulação, digamos que cada obra, no campo da sociologia, inclua em si mesma dez por cento de concepções indeterminadas, ou cuja origem e influência não possa ser conhecida e, portanto, sem articulação coerente dentro do contexto maior. O pesquisador, na maioria dos casos, procura avançar na construção do campo escrevendo novos textos que se articulam com os textos dos autores anteriores. O problema é que, o que seria uma parte pequena de indefinição no texto “A”, quando somada a outros textos que também têm uma pequena parte de indeterminação, resulta em textos fortemente indeterminados ou, em outras palavras, que pouco tem a ver com o objetivo original, ou seja, conhecer de forma rigorosa e sistemática a realidade social que nos rodeia. Veremos, à frente, que Feysabend tem algo a dizer sobre isto.

Esta ideia ajuda a compreender porque no campo, saindo das opiniões literais

de “A”, depois de muito especular, podemos colocar em “A” posições que ele nunca defendeu, ou até posições claramente contrárias àsquelas que ele defendeu originalmente. Um bom exemplo é o livro *Eros e Civilização*, de Marcuse (1975). A aproximação que o autor desenvolve, entre Freud e Marx é de tirar o fôlego do leitor, constitui um exercício teórico excelente. Mas não tem nenhuma relação com o que expressam os autores referidos. Na realidade, Freud e Marx não conversam entre si.

Podemos pensar que a diferença entre um sociólogo e um jornalista é que o segundo sabe que “A” não falou exatamente aquilo que ele está publicando, enquanto o primeiro acredita tanto no exercício de perseguição teórica que, ao final, se esquece efetivamente do que o sujeito queria dizer.

2.3.- Analogias possíveis e algumas amenidades

O meio social, político e tecnológico que rodeia a produção científica exerce uma influência importante nas suas características e desenvolvimento. A limitação e determinação do produto científico pelas forças presentes no meio em que é concebido constitui um fenômeno abrangente. A vida e a obra de Semmelweiss é um bom exemplo. Trata-se de um médico obstetra e o primeiro cientista a perceber a possibilidade do contágio de doenças pela falta de assepsia dos médicos e estudantes. Demonstra a correção das suas ideias formando um grupo controle onde os sujeitos usam formas corretas de assepsia e compara os resultados com os grupos que não adotam a assepsia. Apresenta resultados numéricos absolutamente inquestionáveis demonstrando que a falta de assepsia leva ao contágio de doenças entre as parturientes. Mesmo assim, não consegue convencer a comunidade científica dos resultados. No auge do desespero, ele se auto-contamina e morre de infecção, fato este que, além de não mudar a posição dos colegas, reforça a opinião de que ele era um cara muito estranho.

O escritor francês Louis Ferdinand Celine, numa espécie de premonição de sua própria vida, escreve um livro ótimo sobre Semmelweiss (1998). O fato importante e concreto a ser aqui destacado é que se o meio, inclusive acadêmico, não estiver maduro para aceitar um conceito novo, não existe recurso científico de comprovação que consiga fazê-lo mudar de ideia. No sentido inverso, quando alguma questão está madura para mudar a mentalidade vigente, é possível que vários pesquisadores cheguem juntos à sua constatação. Darwin serve de exemplo.

Jorge Luis Borges (1985) é outro autor que, em vários momentos, corteja esta ideia de indeterminação e limitação do caminho científico. Em *Aleph*, por exemplo, é o amor rejeitado por uma mulher que inviabiliza uma descoberta incrível. Outras vezes, a descoberta é possível, no intervalo de um fuzilamento ou nas manchas da pele de um jaguar, mas impossível de comunicar aos outros seres humanos. Em “A loteria de Babilônia” Borges apresenta uma dupla ironia. Os homens, no passado, construíram uma loteria que, a cada noite, sorteia o que vai acontecer com cada um deles no dia seguinte. Com o passar do tempo, as pessoas esquecem que montaram a loteria, mas ela continua funcionando, ditando os acontecimentos que terão de enfrentar no dia seguinte. Há uma dupla ironia porque, primeiro, o conto pressupõe que um grupo tem o poder de sujeitar todas as pessoas aos desígnios de seu jogo (o que Feyrabend poderia chamar de sonho da ciência moderna) e, segundo, porque o esquecimento retira do imaginário das pessoas a possibilidade de perceber o elemento aleatório, e, portanto, incompreensível e incontrolável, que em última instância rege a vida de todos. Neste contexto existe inclusive a possibilidade de alguém sortear o destino de construir modelos explicativos das relações sociais, reforçando assim o esquecimento da existência da própria Loteria.

Isto leva a pensar um pouco sobre as pessoas que compõem uma área de pesquisa. Na verdade, estamos falando de uma relação a duas mãos, tanto a área forma seus membros como as características dos recém-chegados, dos novos elementos, influenciam o desenvolvimento futuro do campo.

O prof.LA, ao ser contratado na universidade, logo se inseriu num grupo de colegas com características próximas. Entre os colegas, e sempre no sentido de entender o campo, cabe trazer o exemplo de um professor sociólogo que tinha feito sociologia na França, *creme de la creme*. Na França, a graduação se chama *metrice*, portanto seu diploma foi revalidado como mestre. Naquela época, o deslocamento para o CMLdC, consumia parte importante dos salários. Na verdade, qualquer coisa que não fosse respirar consumia muito do salário.

O grupo tinha um relacionamento tranquilo até ocorrer um desentendimento bastante comum. O colega comunista petista teve que viajar e deixou a namorada na cidade do campus. Outro colega do grupo, desta vez comunista PCB, levou a namorada do colega para jantar, já que ela estava sozinha. Nunca se soube efetivamente o que aconteceu. As versões, nenhuma muito confiável, iam de “não aconteceu nada” até “sexo selvagem”.

Voltando ao campus o professor comunista petista comentou: semana que vem eu dou um jeito nisso, vocês vão ver. O prof.LA ficou preocupado, na sua cabeça de não comunista essas coisas facilmente terminavam em sangue. Mas não era nada disso. O fato de o professor cortejador ser comunista PCB ia fazer toda a diferença.

Fora do círculo mais próximo existia outra professora muito independente, atuante, engajada e... trotskista furiosa, terrível. Nosso amigo do PCB, desafeto agora do colega quase francês comunista petista, jamais passou perto dela ou sequer citou o seu nome, pelo menos fora das esferas mais profundas do seu partido.

Pois bem, o comunista petista pegou o telefone e ligou para a trotskysta:

- Olá, tudo bem, você se lembra de fulano, nosso colega do partidão (PCB), pois é... não sei se eu devo te contar, é uma coisa meio degradável, por outro lado, acho que você deveria saber, ..., ele está falando para todo mundo que comeu você.

Indignação.

- Pois é, falou que comeu e, inclusive, que não gostou, achou você meio fraquinha de cama...

Foi o inferno para o professor comunista PCB. A trotskista entrou em contato com todas as mulheres do campus (incluindo alunas e funcionárias), apresentou um documento para ser apreciado na Congregação da faculdade onde explicitava, com todas as letras, que o colega comunista PCB tinha declarado “que me comeu” (documento este sabiamente engavetado pelo diretor), mobilizou todas as pessoas... em resumo, a porta do inferno. E nada de sangue. Os comunistas sentiam um ódio visceral uns dos outros, mas ao mesmo tempo eles eram profundamente burocráticos, as piores coisas se resolviam dentro das instituições.

Foi um espetáculo particularmente assombroso para o prof.LA por várias questões. Realmente não havia referência concreta a que o comunista PCB tivesse falado da colega naqueles termos, mesmo num contexto de conversa de vestiário, entre homens. Inclusive porque era algo demais inverossímil. Até no vestiário existem limites para as histórias. Além disso, estava a questão de o professor petista imaginar e realizar uma vingança utilizando apenas as divergências políticas internas no campo das lutas do movimento operário e popular. E, por fim, talvez o aspecto mais significativo, a situação de extrema vulnerabilidade em que viviam os sujeitos desse meio onde, de uma hora para a outra, em função de uma mentira uma pessoa pode cair em desgraça e passar a ser desprezado, e até mesmo perseguido, por todo o seu círculo de relações sociais. Talvez o caso servisse como um bom exemplo da maneira como funcionavam os expurgos na antiga União Soviética ou na China de Mao.

Estas pessoas, que pensavam suas ações a partir de uma lógica institucional burocrática, onde os níveis pessoais, ideológicos e organizacionais se misturavam de uma forma patológica, eram as mesmas que produziam textos acadêmicos, aceitos como expressões de verdades científicas, onde explicavam o funcionamento da sociedade para pessoas que, coincidentemente, viviam nessa sociedade. É difícil

pensar que eles dessem uma formação para os seus estudantes e os novos interessados na área. É realmente difícil imaginar que exista aqui um processo comum de formação consensual, expressão do estado da arte do pensamento no campo. A verdade é que estes professores pareciam absolutamente incapazes de formar qualquer coisa, seja um profissional apto a atuar no mercado de trabalho, seja um pesquisador rigoroso e sistemático, e até mesmo um militante revolucionário.

Mas é preciso ter presente que o trabalho científico não se faz numa dimensão etérea ou abstrata, se faz no mundo material, ou seja, no mercado.

2.4.- O mercado forma

É possível a existência e funcionamento de uma área acadêmica mesmo sendo metodologicamente frouxa, ou com pouca unidade. Basta que seus membros tenham uma inserção profissional em comum. O mercado de trabalho acaba por formar uma identidade através da qual os membros se reconhecem e podem se articular profissional e politicamente.

Os membros do campo da sociologia, contudo, têm problemas para se relacionar com o mercado, a partir do que eles imaginam ser o mito fundador marxista. Evita-se, a todo custo, a “ida” ao mercado das empresas privadas, preferindo o refúgio seguro da esfera estatal. É uma posição tão arraigada quando inexplicável. O próprio Marx ensina, e pessoas que alegam ter lido Marx deveriam saber, que no capitalismo tudo vira mercadoria (ética, prazer, transgressão, etc.), ou seja, é inescapável estar no mercado. Neste sentido, é estúpido, para não disser arrogante também, achar que o funcionário público está menos no mercado que o funcionário do McDonalds ou da GM. Estamos todos no mercado, sujeitos à lei do valor trabalho e rodeados de mercadorias.

O estado, na interpretação marxista, não é um elemento neutro, ou um espaço de composição de forças políticas. O estado é um estado classista, que defende o modo de produção e a ideologia hegemônica capitalista.

Mas, apesar disso, o funcionário público parece ter algumas características específicas que o diferenciariam dos funcionários dos outros setores da economia. O campo do funcionalismo público pode parecer que dá às pessoas mais liberdade, desenvolvendo em seu interior uma postura de maior tolerância com a diferença, ou ainda de permissividade, quando comparado com os horários e a cobrança de mérito e produtividade que deveria, em tese, estar presente na iniciativa privada. Isto, contudo, é bastante questionável, já que o campo do funcionalismo público pode cobrar um alto preço dos seus membros em termos de ajuste comportamental à lógica da burocracia, levada ao seu limite último, onde a forma supera o conteúdo e onde ninguém trabalha para resolver os problemas, mas o foco sempre é apurar a responsabilidade pelos problemas que vão continuar sem solução e atrapalhando as pessoas eternamente.

Essa espécie de ojeriza ao mercado privado é típica da área como um todo. É comum ouvir representantes da faculdade de ciências sociais declararem orgulhosos que eles não oferecem nenhum programa de extensão universitária. Isso significa, na sua visão, a coerência ideológica de rejeitar qualquer movimento em direção à sociedade que pudesse ser mercantilizado, e assim poluir a pureza da área. Isto garante, de fato, que a área não tenha nenhum contato com dinheiro que não venha do estado. Na verdade, garante mais que isso, garante que a área não tenha nenhum contato com a sociedade de uma forma geral. Do ponto de vista prático, trata-se de imaginar a área com financiamento exclusivo estatal acreditando, com certa inocência, que o estado (capitalista, é bom lembrar...) vai dar dinheiro sem cobrar nada em troca.

Isto, obviamente, tem tantas consequências quanto priorizar a inclusão em qualquer outro mercado. A primeira consequência, e a mais evidente, é subordinar a

inserção profissional dos membros da área à lógica da evolução burocrática típica do funcionalismo público. E, em segundo lugar, trata-se de aceitar o controle férreo do estado capitalista. Aqui vamos encontrar o exemplo perfeito do que é um casamento de conveniência. A atual leitura de Marx, assim como quase toda a produção teórica que surge depois da queda do Muro, destaca problemas, injustiças e direitos de minorias sociais específicas. O avanço da importância política destas minorias, seu empoderamento para usar uma expressão do momento, não oferece nenhuma ameaça concreta ao modo de produção capitalista, pelo contrário, reforça sua hegemonia ao criar mais divisões dentro do que seria o campo de luta operário e popular.

Privilegiar o financiamento estatal e demonizar o mercado privado é tão inócuo quanto incoerente. Hoje podemos humilhar verbalmente imigrantes japoneses e árabes, mas piadas sobre homossexuais ou negros podem levar o sujeito à cadeia. O que está por trás disto? Nada, absolutamente nada. Se os árabes ou os japoneses se organizarem e fizerem algumas contribuições para as campanhas políticas e os jornais certos, também poderão gozar da proteção da lei. O que interessa aqui, em primeiro lugar, é destacar como as pesquisas sociológicas atuais ajudam a dividir a sociedade no maior número de grupos possíveis. E, em segundo lugar, por que o modelo abre espaço para criminalizar qualquer iniciativa de natureza revolucionária, pelo menos no sentido clássico do termo. Na história, pelo menos na ocidental, nada anima mais as pessoas a fazer revoluções do que a possibilidade de perseguir, torturar e matar os ricos e poderosos. O modelo atual cria uma amálgama entre pobres e ricos e abre a possibilidade, em última instância, de defender os últimos com leis específicas. Afinal, ninguém vai negar que os ricos são uma minoria.

Para efeito deste texto, o que é preciso destacar é o seguinte: a área da sociologia, ou sua vanguarda, condena a inserção de seus membros na economia de mercado, privilegiando a inserção na máquina estatal. Esta opção, longe de afastar as pessoas do capitalismo, privilegia a inserção numa dimensão muito específica, a saber, a carreira do funcionalismo público, com sua dimensão burocrática e fortes mecanismos de dominação e controle.

Podemos passar a vida inteira apenas discutindo a natureza do estado. Para efeito desta discussão basta ter presentes duas características do estado, que ninguém se atreveria a desprezar. Primeiro, a sua função de controle, no caso do estado moderno um controle de natureza burocrática e, segundo, como é intrínseco à natureza de toda e qualquer burocracia, uma vocação contínua à expansão, ou pelo menos a expandir-se até encontrar uma resistência de força igual ou maior. Sempre é possível controlar mais e melhor, sempre é possível instituir formas de avaliar a qualidade do controle, sempre é possível avaliar o trabalho do próprio avaliador... o estado burocrático, se depender dele mesmo, não tem fim.

A forte inserção da sociologia no funcionalismo público, e sua consequente não ida ao mercado privado, vai delimitar indiretamente as possibilidades teóricas do campo e definir os aspectos centrais da sua evolução no tempo. Vai resumir suas opções na perspectiva de um funcionário público querendo (ou precisando) ser promovido na carreira. Além disto, a tentativa de evitar o mercado da iniciativa privada segue uma lógica inversa à adotada por todas as outras carreiras. O normal é que cada segmento profissional busque expandir ao máximo o seu espaço de atuação, só parando quando outra área profissional aparece estabelecida e legitimada. Você pode encontrar sociólogos trabalhando, por exemplo, no departamento de recursos humanos de uma grande empresa, mas não apenas é uma exceção, como também vai estar muito mais vinculado ao esforço pessoal do profissional do que a uma política da área no sentido de um reconhecimento da importância de ocupar esse espaço.

Capítulo 3.- Alguém já tinha percebido

3.1.- Maurício: erudito e autodidata

Uma das ideias centrais deste texto é que a crise de paradigmas no campo das sociais é anterior à queda do Muro de Berlim. Um aspecto que reforça esta ideia é o fato de que antes de 1989 já podem ser encontrados autores que sinalizam os problemas e a crise que se aproxima.

Dentro do cenário do pensamento brasileiro cabe destacar o trabalho de Maurício Tragtenberg. Pesquisador autodidata e erudito desenvolveu uma aproximação teórica brilhante entre os modelos marxista e weberiano, a partir da qual elaborou uma reflexão complexa e original a respeito da burocracia e o poder nas organizações. A sua crítica da burocracia não privilegia especificamente o ambiente acadêmico, mas as relações sociais e políticas num sentido mais amplo. Mas, mesmo assim, escreveu um texto sobre a escola como organização complexa, e um sobre a universidade cujo título é antológico: “A delinquência acadêmica: o poder sem saber e o saber sem poder”. (1979)

A crítica da universidade aqui, como foi colocada, aparece integrada e articulada com a crítica de uma sociedade de classes, onde o controle da produção do saber interessa ao projeto ideológico hegemônico conservador, produzindo um saber a serviço do poder. Ele afirma, em 1979, que “a carreira universitária (...) transforma-se em uma estrutura de domesticação da mão de obra, onde uma nova pedantocracia de doutores e livre-docentes, (que) sem serem docentes livres, garantem a hegemonia do saber dominante como sendo o único 'legítimo', desclassificando os outros saberes como 'ilegítimos', na medida em que não absorvem a retórica dominante na área de conhecimento específico”. (1979, p.9)

Embora talvez não fique tão claro neste texto, quem conviveu com o autor sabe como sua crítica se estendia até os cantos mais escondidos da academia, transformada, como ele gostava de afirmar, num espaço burocrático onde os meios se tornam fins e os fins se perdem. Onde as avaliações e os relatórios de produtividade, que teoricamente deveriam ser meios para ilustrar o avanço da pesquisa, se tornam fins em si mesmo, num contexto onde vale mais o especialista em preenchimento de relatórios do que o compromisso com o conhecimento. Como erudito e autodidata Maurício sabia muito bem a importância do tempo para conseguir apresentar uma reflexão original e complexa, defendendo a necessidade de tranquilidade para o exercício da leitura e o amadurecimento do texto científico.

Era patente, nas suas críticas, a chegada iminente de uma universidade regida por índices de produtividade, encerrando um tempo de grandes obras, atropelado pelo faz de conta, e pelas articulações da política acadêmica. A morte o privou de assistir a derrocada do socialismo real. Uma pena, Maurício era profundo conhecedor das revoluções russa e espanhola, o que somado ao seu conhecimento original sobre a burocracia, teria nos abrilhantado, com certeza, algumas das análises argutas do processo de desmonte do socialismo real que tanta falta faz hoje em dia.

Uma de suas muitas observações inspiradora era que Lenin se tornara o Taylor da revolução, burocratizou a revolução subdividindo-a em pequenas tarefas fáceis de serem reproduzidas, enquanto a elite revolucionaria pensava o futuro.

3.2.- Quase sério

Paul Feyerabend publica, em 1975 (a tradução brasileira é de 1977), um livro intitulado “Contra o Método”. O livro, como o autor avisa na primeira página, é um ataque feroz contra o racionalismo nas ciências e devia vir acompanhado por outro

livro resposta, de um colega seu Imre Lakatos, defendendo o racionalismo. A morte do colega impediu a sua elaboração.

“Contra o Método”, por sua vez, tornou-se um sucesso de vendas e catapultou o autor para um público muito maior que o específico da filosofia, ou da epistemologia da ciência. Aqui, mais do que antecipar a crise do paradigma trabalho, o autor antecipa a crise da produção científica institucionalizada, sistemática e racionalizante, destacando a impossibilidade de descartar o papel importante que jogam o acaso e o imponderável.

São famosas as afirmações do texto, colocadas no início de cada tópico, como “o único princípio que não inibe o progresso é: tudo vale” (cap. I, p. 27). É possível fazer avançar a ciência procedendo contra-indutivamente” (cap. II, p. 37). “A condição de coerência, por força da qual se exige que as hipóteses novas se ajustem a teorias aceitas, é desarrazoada, pois preserva a teoria mais antiga e não a melhor” (cap. III, p. 45), e assim por diante. O texto é muito bem articulado, transborda erudição e caminha no sentido de dialogar e fundamentar-se nas ciências duras, ou da natureza.

É um autor sério que faz um trabalho sério. Este texto, por sua vez, provavelmente por sua dramática seriedade, foi recebido como se fosse algo tipo “quase” sério. Uma espécie de manifestação do lado *enfant terrible* do autor.

A partir do momento em que o texto se aproxima da epistemologia e da história da ciência, no sentido de buscar fundamentar melhor suas hipóteses e explorar mais o campo de formação do próprio autor, ele se afasta do espaço organizacional onde a ciência efetivamente se desenvolve, e dos efeitos que as características burocráticas deste espaço podem exercer sobre o modelo de ciência apresentado como legítimo e verdadeiro. Paul tende a perceber as limitações do desenvolvimento científico como decorrente da própria evolução da ciência, o que de fato é verdade. Maurício, pelo contrário, seguramente em função da formação específica de cada um dos autores, vê a burocratização do espaço do fazer ciência, decorrente de um controle maior do

estado e da lógica burocráticas, como elemento fundamental para compreender estas limitações.

Os dois autores, neste sentido, se complementam e conversam entre si. O importante é destacar que, para ambos, mesmo que partindo de posições diferentes, o diagnóstico do desenvolvimento futuro do campo de produção científico é muito parecido.

Por exemplo, a condição de coerência pela qual a produção científica deve ajustar-se a uma teoria já aceita não ocorre num vácuo institucional. Muito pelo contrário, ela é exercida num espaço que, não apenas a reconhece como verdadeira, mas também necessita da sua vigência para a reprodução do próprio campo e a manutenção dos privilégios dos agentes nele estabelecidos. Estamos falando de um meio burocrático, permeado por relações de poder e buscando permanentemente expandir-se.

Uma ciência rotinizada e conservadora será acolhida por uma organização que reconhece e premia as mesmas características (rotina e conservadorismo). O foco na dimensão epistemológica, desenvolvido com brilhantismo por Feyerabend, não facilita a visualização mais ampla do espaço organizacional onde a ciência se desenvolve. Na verdade, não se trata apenas do fato de que o meio científico tende a validar a hipótese que melhor se ajusta ao modelo previamente institucionalizado. Pensando no sentido inverso, é vital para a sobrevivência das teorias aceitas (e a manutenção dos empregos dos pesquisadores institucionalmente reconhecidos como profundos conhecedores delas) que siga havendo uma produção sistemática e regular que reforce seu conteúdo de verdade e sua atualidade. A legitimidade da teoria, assim como dos pesquisadores, é uma via de mão dupla, onde ambos se legitimam reciprocamente.

Paul Feyerabend procura manter-se fiel às suas posições críticas, mas, gradativamente, torna-se vítima de sua própria fama. O sucesso da controvérsia originada pelo livro “Contra o Método” acaba marcando sua apropriação pelos meios

de comunicação e condicionando a divulgação do resto da obra. Mas, mesmo assim, a produção subsequente procura aprofundar os conceitos originais e incorporar outros muito importantes como, por exemplo, que a ciência evolui seguindo “o caminho histórico de menor resistência” (...) “Outros problemas e outros fenômenos são deixados para trás (...) quanto mais não seja pelo fato de as brilhantes carreiras científicas não assentarem no insucesso persistente”. (s.d., p. 187) Todo o sistema de avaliação atual Qualis, e a revisão por pares, reforça esta percepção. As ideias novas envolvem riscos e, normalmente, colhe-se uma longa série de insucessos até conseguir demonstrá-las cabalmente. Enquanto que a repetição do que é academicamente consenso garante a publicação.

Paul continua apresentando observações instigantes, como a ideia de que a ciência possui autoridade demais e devia ser controlada pela sociedade como um todo, num exercício de democracia. “Na realidade, a ciência sempre progrediu a golpe de catástrofes e não existe uma só teoria científica que esteja livre de sérias dificuldades. Neste âmbito não existe nenhum método e nenhuma autoridade” (Feyerabend, 1985, p. 53).

Não há nenhuma teoria científica que esteja livre de sérias dificuldades. Vamos pensar um pouco nesta frase. Quando Paul fala em teoria científica está se referindo especificamente à área dura de conhecimento, como física e biologia. Muito bem, vamos pegar dois exemplos mais recentes, na fronteira entre a biologia e a medicina. Primeiro, a descoberta da pílula contra a disfunção erétil, um grande sucesso de vendas no mercado farmacêutico. Surgiu por acaso quando os pesquisadores da americana Pfizer buscavam um medicamento para tratar a angina, uma doença cardíaca. Segundo, o primeiro medicamento para o controle da calvície foi, também, descoberto por acaso quando os pesquisadores buscavam um remédio para controlar a pressão sanguínea, a hipertensão.

Pois bem, parece que Paul está antecipando justamente situações como estas. Nenhuma crítica à descoberta de novos agentes que melhorem a condição de vida das

peças. Mas, sejamos honestos, quando o pesquisador busca um remédio para a hipertensão e acaba curando a calvície, ou pesquisa a angina e se depara com a disfunção erétil, é inquestionável (ou pelo menos deveria ser para um observador imparcial) que o modelo teórico em que ampara suas pesquisas tem graves problemas, ou sérias dificuldades nas palavras de Paul.

E o autor continua: “O que sim existe é uma fé quase religiosa na posição privilegiada da ciência e na superioridade de seus resultados. Mas está claro que uma sociedade livre deve tratar esta fé como qualquer outro credo, ou seja, como a astrologia ou a magia negra. A sociedade livre permitirá que os adeptos destas crenças se expressem livremente, mas não lhes concederá nenhum desses poderes especiais a que aspiram” (Feyerabend, 1985, p. 53).

Há hoje um clamor de indignação entre o público mais culto e instruído a respeito de pessoas que opinam bobagens sobre os mais diferentes temas na internet, sem a legitimidade da passagem pelo meio acadêmico. Umberto Eco entre eles. É óbvio que o conhecimento científico possui uma forma de elaboração diferente da simples opinião pessoal de um leigo num post. Mas ambos têm em comum um aspecto: o autoritarismo e o desprezo pelas opiniões diferentes. Podemos imaginar, inclusive, que as pessoas que opinam com livre petulância na internet reproduzem as piores características do campo científico.

Cabe destacar também a denuncia de Paul sobre simbiose entre a ciência e o estado.

A simbiose que o estado e a ciência estabeleceram, na forma característica das sociedades industriais, leva a um paradoxo doloroso para o liberalismo e a democracia.

Os intelectuais liberais defendem a democracia e a liberdade. Em alta voz e tenazmente proclamam e defendem a liberdade de pensamento, de linguagem, de religião.

Os intelectuais liberais são também 'racionalistas'. Estão plenamente convencidos que só os procedimentos inerentes ao racionalismo ocidental são idôneos para estruturar uma democracia. E, posto que o racionalismo e a ciência são praticamente indistinguíveis, daí segue que os liberais constroem a democracia especialmente sobre uma concepção de mundo racional científica” (1985, p. 62).

Sem querer entrar em polêmicas que nos afastem do centro deste texto, é inegável que a relação entre ciência e estado hoje é de fazer inveja à relação entre estado e igreja na idade média. Claro, existe o argumento da defesa: a religião estava errada e a ciência está certa. O que Paul quer apontar é que, talvez, os nossos descendentes não vejam as coisas de uma maneira tão maniqueísta.

A população, por exemplo, é sistematicamente bombardeada com as práticas saudáveis de vida. Baseado na definição de ciência apontada por Paul, e corroborada pelos exemplos anteriores, podem ser apontados uma série de problemas. Primeiro as chamadas práticas saudáveis variam com o tempo. O que ontem era mortal pode ser inócuo amanhã. No mesmo sentido, as práticas saudáveis movimentam um enorme mercado comercial que começa com a realização sistemática de exames clínicos (cuja necessidade pode ser muito questionada), passa por medicações e, inclusive, intervenções cirúrgicas de duvidoso benefício à pessoa (por exemplo, histerectomia a partir de um mapeamento genético com pouquíssimo período de *follow up*) e terminam movimentando toda uma rede de produtos e serviços.

O filósofo Paul fala da relação entre ciência e estado, e entre liberalismo e democracia. Maurício, com certeza, gostaria de acrescentar o importante papel do mercado.

Paul chega a ter momentos divertidos, ou cruelmente atuais:

Onde está o filósofo marxista que pode ser lido de forma proveitosa não apenas para outros marxistas, mas para o público em geral? Onde está o filósofo existencialista cujas distorções conceituais podem ajudar a um homem necessitado? Onde está o crítico-racionalista capaz de disser algo interessante sobre o desenvolvimento maravilhoso das artes que as aproximam tanto do saber? Não encontramos senhores (nem tampouco senhoras, posto que tudo que as feministas fazem neste momento é lutar para conseguir posições masculinas, com o qual não fazem outra coisa que duplicar – segundo o temperamento multiplicar – a estupidez dos homens) deste tipo.

O que se encontra são especialistas que se dirigem a outros especialistas, e que se convertem em objetos para outros especialistas, e aqui ou ali uma frase untuosa, um par de linhas lacrimosas que tentam substituir o humanismo que falta em todo o empreendimento. (1985, ps. 145/6).

Feyerabend percebe com arguta clareza as distorções da evolução do campo científico. Mas não soma na sua análise a dimensão organizacional burocrática onde a ciência é produzida e se expande, ou seja, não aponta especificamente para a existência de um determinismo que limita as possibilidades de uma evolução da ciência de forma original e inovadora. Ou, em outras palavras, ele não aponta para a aliança de interesses onde a necessidade de segurança dos pesquisadores e a tendência à mediocridade reforçam uma organização de natureza burocrática, rotineira e conservadora.

Quando o prof.LA foi contratado pela universidade teve que fazer uma longa bateria de exames, de sangue, saúde, mental e até odontológico. Um servidor com ares de autoridade mandou-o entrar no consultório do dentista e sentar-se na cadeira. Passados alguns minutos um homem colocou a cabeça na porta e perguntou:

- E aí, jovem, tudo bem com seus dentes?

- Creio que sim, até onde eu sei...

- Muito bom, segue para a sala ao lado.

Entre as muitas exigências para a contratação estava a de apresentar um projeto trienal de pesquisa, que seria confrontado com o relatório final a ser apresentado no fim do período probatório, de três anos, durante o qual o servidor, teoricamente, pode ser demitido. O prof.LA olhou para aquilo, refletiu um pouco, e optou pelo caminho mais seguro. Decidiu-se por apresentar o Projeto Perfeito.

Um projeto de pesquisa, todos sabem, é composto por uma série de informações e compromissos. Objetivos gerais e específicos, métodos e técnicas, tamanho da amostra, critérios de validade e exclusão, variáveis, etc. O projeto tem que ter, também, um cronograma de atividades, associando cada fase a um momento específico no tempo. A possibilidade do relatório final não se ajustar perfeitamente ao projeto é grande. Mas, para resolver esse problema, existe o Projeto Perfeito, primeiro o pesquisador faz a pesquisa e depois escreve o projeto perfeitamente adequado ao que já foi desenvolvido. O prof.LA pegou um trabalho de pesquisa que ele já tinha feito e redigiu o projeto encima dele, só para garantir uma boa avaliação ao fim do período probatório trienal. Impossível errar.

Paul se refere criticamente a este tipo de mentalidade já a partir de “Contra o Método”. A inovação envolve riscos e fracassos, a alternativa mais segura é inovar apenas a partir do que é típico da área, construindo grupos de especialistas que se reforçam e legitimam entre si, a partir da sua própria existência.

Com a evolução da obra de Paul, a crítica torna-se ao mesmo tempo mais ampla e mais específica. Com relação às ciências duras ele aponta dois problemas. Primeiro a aliança com o estado que torna a ciência quase uma religião pública e infalível. Segundo, com relação à estrutura interna de desenvolvimento científico, ele vai apontar a existência de contradições e lacunas mesmo nos mais desenvolvidos e testados modelos teóricos (convém destacar que o autor está falando antes da confusa descoberta do Viagra e dos remédios contra a calvície). Todo modelo científico tem, segundo ele, em última instância, aspectos específicos que não conseguem ser

perfeitamente demonstrados.

Quando Paul vai falar das ciências humanas caminha na mesma direção das críticas aqui já apresentadas. Sua referência ao diálogo intra-grupo dos marxistas, ou dos existencialistas, ou ainda dos críticos-racionalistas denuncia o processo que permite a sobrevivência de escolas de pensamento desvinculadas do mundo real, que conseguem sobreviver dialogando apenas dentro do próprio grupo de iniciados. Este é um elemento importante para compreender a inevitável caminhada da sociologia para o erro sistemático. Mas ele ainda vai trazer mais uma contribuição interessante.

Paul, na sua obra póstuma chega a uma espécie de beco sem saída, embora fundamental desde o ponto de vista do desenvolvimento da ciência. Enfrenta duas questões seminais. Primeiro questiona a natureza autônoma da linguagem:

Penso que a linguagem não 'modela', 'recobre' e 'conspira contra' nosso 'campo da experiência', senão que existem muitas outras pautas e instituições, com frequência contraditórias, que fazem isso. A interferência de um estilo, ou um aparato linguístico concreto ou, mais recentemente, uma crença científica a uma cosmologia, os modos de vida correspondentes e ao que tudo abarca o 'espírito da época', necessita de um suporte especial, não é algo que aconteça assim porque sim (2001, p. 52/3).

O problema fundamental, então, para ele não é a linguagem (discordando de Wittgenstein, e seguindo a mesma linha que autores como Habermas vão assumir depois).

Lembra os filmes americanos quando chega um sujeito, trazendo uma má notícia, e começa a exposição dizendo: não atire no mensageiro! A linguagem, para ele, não é a culpada, existem outras pautas e instituições, com frequência contraditórias, que fazem isso. Pautas e instituições... quase dá para ouvir Maurício

Tragtenberg falando. Temos uma estrutura organizacional onde grupos definem politicamente pautas que, em conjunto, modelam, recobrem e conspiram em nosso campo de experiência.

A outra questão fundamental que ele aborda é a discussão sobre em que medida “o problema (não resolvido) da relação entre mente e corpo afeta a natureza mesma das pesquisas científicas” (s.d., p. 171). “Todas as afirmações de observação são agravadas pelo problema mente-corpo. Tal não afeta os cientistas que consideram as teorias como meros instrumentos de cálculo (...) A maior parte dos cientistas ou não se apercebeu dele ou pô-lo de parte como quebra-cabeças filosófico de somenos importância” (s.d., p. 185). Esta questão, apesar de fundamental para pensar a ciência, é secundária para a discussão que está sendo aqui proposta: por que os sociólogos erram sempre? A anterior, pelo contrário, é essencial.

Feyerabend fica rotulado pelo sucesso do quase folclórico “Contra o Método”, mas a verdade é que ele avança de forma muito original no debate sobre a dimensão “científica” da ciência. Convém destacar uma última citação sua, que terá consequências importantes para as conclusões finais deste texto.

As artes e a filosofia tentaram, e alguns artistas e filósofos estão ainda a tentar superar o relativismo. Não conseguiram nem podem conseguir, em virtude da natureza do caso: as preferências qualitativas não têm uma ordem inerente. As ciências teóricas procuram estabelecer essa ordem sujeitando os juízos qualitativos às leis do progresso quantitativo: as ideias que conduzem a um maior número de previsões bem sucedidas são 'objetivamente' ideias melhores. Suponhamos que as tentativas triunfam. Então, as ciências poderiam ser caracterizadas como aquelas artes que, usando não só as cores, não só os metais, não só as pedras, mas as ideias, estão não só a falar do progresso mas a originá-lo e de um modo que deve ser reconhecido por todos (s. d., p. 184/5).

Seria interessante reter, deste trecho, os seguintes aspectos:

- (a) as ideias que preveem o futuro melhor são objetivamente melhores,
- (b) a identidade entre ciência e arte
- (c) a ideia de que a ciência tem de ser origem concreta do progresso,
- (d) a ideia de que, ao pensar a ciência, não se trata de falar do progresso, mas de originá-lo.

3.3.- Lyotard é legal, mas não fala com a gente

No caso dos dois autores citado antes, Maurício é um autodidata erudito que trafega por várias áreas das ciências humanas, enquanto Paul é um filósofo por excelência. O que os une é a paixão pela ciência. Uma paixão que os leva a exigir da ciência que ela seja exemplar, tanto na sua independência como na explosão criativa, e ainda em seu compromisso com a ética. Trata-se de resgatar o sentido clássico e ocidental de ciência, em nome de Galileu, Darwin, Newton e até mesmo Descartes. Por que não disser do velho Suetônio. Trata-se de resgatar a ciência dos interesses do mercado, da pressão da classe dominante e dos grupos internos que se encastelaram nas famosas escolas de pensamento, legitimadas pela burocracia, que usam a deificação da racionalidade como instrumento para obterem benefícios materiais e simbólicos institucionais.

A ciência que diz presente não é assim pura, mas é a ciência que temos e com a qual devemos tentar dialogar. Inclusive porque, até prova ao contrário, não existe caminho melhor para chegar à elaboração de pressupostos com conteúdo de verdade.

Trazemos Lyotard aqui para marcar a diferença entre uma proposta de superação e outra de impossibilidade. A ciência é possível. A construção de modelos

teóricos que aproximam a reflexão a uma percepção do real com conteúdo de verdade é possível.

Lyotard, por sua vez, exemplifica outro tipo de discussão. Não é apenas porque o autor diz que a ciência não funciona, que ele faz o mesmo caminho que Maurício, Paul ou nós.

Em 1979, Jean-François Lyotard publica um texto intitulado “A condição pós-moderna” (1988). Trata-se de um relatório encomendado pelo governo de Quebec, Canadá, sobre a produção do saber nas sociedades mais desenvolvidas. O relatório torna-se um grande sucesso de vendas e repercute fortemente no debate intelectual.

Embora seja um relato sobre a ciência e a universidade, o que realmente gera interesse é sua definição de pós-modernidade, aspecto reforçado pelo título do livro. Tem méritos. Num momento em que se começa a falar em pós-modernidade Lyotard contribui com uma definição consistente e original do termo. Suas observações sobre o campo científico são também instigantes. O autor defende que estamos frente à falência dos metarelatos (divididos entre relatos especulativos e relatos de emancipação), que precisamos lidar com o problema da verdade enquanto um processo de legitimação, vai apontar a desordem do campo científico e o papel do fluxo crescente de informações, e vai definir o desempenho (entendido aqui como performance) enquanto critério pós-moderno de validação da assertiva científica.

Uma leitura mais rápida, ou superficial, pode enxergar esta discussão em sintonia com aquelas que apontavam a crise de paradigmas, ou a burocratização do conhecimento. Na verdade, não é isto o que acontece. Lyotard não dialoga com a tradição clássica das ciências sociais. Os autores citados antes, Maurício e Paul, criticam a ciência por ela não cumprir todas as suas possibilidades, amarrada por interesses pessoais, corporativos, institucionais e mercantis. Trata-se de incentivar a construção de uma prática do fazer científico que transcenda estas limitações, mas sempre dentro do mesmo paradigma de busca da verdade através da ciência. Eles estão, em última instância, do mesmo lado que autores como Habermas e Bourdieu,

embora com uma postura mais crítica.

Lyotard, assim como toda a tradição denominada pós-moderna, e ainda outras leituras que partem de interpretações específicas de Nietzsche ou Freud, invalidam a possibilidade do fazer científico, a possibilidade da construção de assertivas ou relatos com conteúdo de verdade, resumindo todos os esforços a um exercício performático. Aí reside a impossibilidade da construção de modelos: seja (a) a dialética trágica de Nietzsche onde o sujeito agente da ação social busca o confronto como ápice do ser-se humano, seja (b) um sujeito social dividido entre Eros e Tanatos, ou ainda (c) um sujeito social dependente das formas específicas pelas quais seu corpo decifra o real. Todas têm em comum a impossibilidade da construção de um modelo explicativo nos limites da chamada sociologia dotada de sentido. A não ser que se considere a impossibilidade da construção do modelo como um modelo.

Bourdieu, aliás, faz um comentário ótimo a respeito de Lyotard. Indagado por Luciano Trigo sobre o que pensa do conceito de pós-moderno, Bourdieu responde sem contemporizar:

É uma bobagem que não significa nada. Seus defensores constroem um grande discurso para justificar o fim dos grandes discursos, das grandes narrativas. É um conceito de uma banalidade extraordinária, da mesma forma que a ideia da 'morte do sujeito' esteve em moda anos atrás. São expressões que não querem dizer rigorosamente nada (TRIGO,1995, p. 5).

Acaba sobrando também para o Foucault. Aliás, Foucault é um caso a ser estudado. Foi uma das grandes referências do campo, enchia salões para ouvi-lo, vendia milhões de livros, é um “tipo ideal” weberiano de pesquisador da era de ouro da sociologia e da filosofia. Ao mesmo tempo, angariou inimigos brilhantes e incansáveis para denunciá-lo como uma fraude intelectual. Afirmação com a qual,

sem dúvida, concordamos (BAUDRILLARD, 2007; MERQUIOR, 1987).

A discussão de Lyotard, assim como do grupo com o qual ele dialoga, apesar de toda a pirotecnia de erudição geralmente inútil que a caracteriza, passa por cima de uma questão central, que funciona como divisor de águas no campo das ciências humanas em geral: o sujeito agente da ação social é racional?

É a partir da premissa da ação racional do agente que existe a possibilidade do seu entendimento. Isto estabelecido é possível observar as ações do sujeito e, confrontadas com seus objetivos, construir um cenário explicativo que as tornem compreensíveis, nos limites de uma sociologia dotada de sentido. A possibilidade de elaborar um modelo teórico de compreensão da realidade social vai depender, e partir, da aceitação do princípio de racionalidade das ações do sujeito social no campo.

Qualquer relativização deste conceito, adotando a centralidade de elementos que interfiram no processo de tomada de decisões do sujeito como o primado do confronto, o reino do sexo e da violência, a sobre determinação da subjetividade, ou até mesmo a performance, inviabiliza a possibilidade da demonstração de um modelo explicativo do comportamento social nos limites da produção do conhecimento científico moderno e, portanto, uma explicação mesmo que parcial da sociedade como um todo.

A caminhada que Lyotard faz, assim como a de outros intelectuais próximos a uma leitura específica de Freud (com ênfase no desejo) e Nietzsche (confronto e luta), torna impossível construir um modelo explicativo do real. Não há mais porque falar em modelos, pelo menos no sentido expresso pela sociologia dotada de sentido, se o sujeito agente da ação social não é dotado de uma racionalidade do tipo apontado por Kant. Na ausência da racionalidade do sujeito resta (a) uma explicação a partir de aspectos aleatórios tratados estatisticamente ou (b) uma deidade que controla o comportamento do sujeito individual a partir de critérios impossíveis de conhecer pelos humanos (e, portanto, pelo pesquisador).

A concepção da racionalidade do sujeito agente da ação social traz junto a ideia da comunhão das percepções humanas, das sensibilidades inerentes a cada um, que só podem ser percebidas obviamente através do corpo. Esta percepção é comum à espécie e, se não é absolutamente idêntica entre os sujeitos, ela trafega num intervalo delimitado de tempo e espaço que permite o mútuo reconhecimento entre os pares e o exercício da alteridade comunicativa.

Neste sentido, condições muito específicas ou diferenciadas de corporeidade não têm impacto significativo no objeto de estudo, já que o grande número de sujeitos (n) com percepções similares diluem eventuais diferenças. Mas, é importante ter presente que podem ter um grande impacto na produção do relato científico se estão presentes no sujeito agente da ação de pesquisar o social.

Vamos retomar Feyerabend, “Todas as afirmações de observação são agravadas pelo problema mente-corpo. Tal não afeta os cientistas que consideram as teorias como meros instrumentos de cálculo” (2001, p. 185). Um pesquisador qualquer pode colocar dúvidas sobre a racionalidade do sujeito agente da ação social que ele está estudando. O pesquisador proclama, do alto da sua titulada sabedoria acadêmica, que o sujeito social define suas ações a partir, por exemplo, da luta entre Eros e Tanatos, ou pela dialética trágica nietzschiana.

Muito bem, mas como o pesquisador prova que isso é verdade? Como provar que não é o pesquisador que raciocina a partir da luta entre Eros e Tanatos, ou a dialética trágica, enquanto o sujeito da ação social observado age de forma racional e consequente (desde que conhecidas todas as variáveis)?

Paul dá a resposta, o pesquisador considera a teoria como um mero instrumento de cálculo, dotado de poderes inquestionáveis. O pesquisador não compartilha o mesmo mundo do seu objeto de observação. Ele está acima do objeto e utiliza instrumentos que o levam, inevitavelmente, à verdade. Como o pesquisador é um só a sua subjetividade, resultante ou não de uma condição específica de corporeidade, pode ter uma enorme interferência no tipo de modelo explicativo que ele apresenta

aos seus pares.

Neste mesmo sentido, a racionalidade do sujeito agente da ação garante à linguagem uma capacidade de coincidência e coordenação, entre os seres humanos, minimamente suficientes para o processo comum de representação do real e a interação entre os sujeitos. Já relativizar a capacidade comunicativa de agir racional do sujeito condena o pesquisador a priorizar o estudo de aspectos da corporeidade, da própria linguagem, do universo simbólico ou ainda aspectos aleatórios.

Lyoytard agrupa características específicas do que seria o pós-moderno, como a legitimação pela performance, o simulacro e o pastiche, para apontar a falência da ciência como uma linguagem que não pode mais legitimar outros jogos de linguagem, destacando a falência dos meta-relatos e a impossibilidade de construir uma meta-língua universal. Não existe aqui (como existe para Maurício e Paul), uma ciência, compreendida enquanto definição de um objeto e o método correspondente para a elaboração de assertivas com conteúdo de verdade, que esteja mal encaminhada e possa ser resgatada.

Mas, no frígir dos ovos, teóricos da modernidade e da pós-modernidade vão ter em comum o mesmo desafio: a ciência precisa acertar ou, como alerta Paul “Outros problemas e outros fenômenos são deixados para trás (...) quanto mais não seja pelo fato de as brilhantes carreiras científicas não assentarem no insucesso persistente (s.d., p. 187).”

Capítulo 4.- Quando o objeto atrapalha o modelo

4.1- A sociologia não erra quando é impossível errar

Bem, o sociólogo erra porque não consegue compreender e interpretar seu objeto de pesquisa: a sociedade. E, se o cientista não entende o seu objeto, ele tem um evidente problema com o seu método de pesquisa. Ou seja, seu referencial metodológico está errado.

Por um lado, este tipo de raciocínio é praticamente impossível de desenvolver dentro de um campo de pesquisa institucionalizado, já que ele tende sempre à sua renovação a partir do que está estabelecido e aceito, como ilustra Paul. Por outro lado, não parece razoável imaginar que todo um campo de conhecimento seja inútil e nem tampouco que a sociedade de hoje seja intrinsecamente diferente da do século passado (partindo do princípio de que a sociedade do século passado podia ser compreendida e, a partir de um momento específico, o sociólogo não consegue mais entendê-la).

Na verdade, a sociologia erra porque insiste em acertar prognósticos. E insiste em acertar prognósticos porque, num passado, não muito distante, obteve fama, poder e dinheiro em função de acertar diagnósticos sociais, ou pelo menos convencer as pessoas de que era uma área de conhecimento que acertava seus prognósticos.

As pessoas de uma forma geral, ou os leigos para usar outra expressão, fixam em seu imaginário a definição de cada campo de pesquisa científica influenciados pelos meios de comunicação de massas. Estes meios, recordando de novo Paul,

reforçam sistematicamente uma visão positiva e eficiente da ciência. Neste sentido, os diferentes ramos da ciência ficam caracterizados no imaginário das pessoas por seus melhores momentos, enquanto as derrapadas tendem a ser esquecidas.

Quanto à sociologia, seu melhor momento foi, sem dúvida, o período pós-segunda guerra, quando dialoga com uma sociedade que derrotou o nazi fascismo e passa a construir sua identidade a partir da polarização entre capitalismo e socialismo real.

Para o cientista social, uma sociedade polarizada é o melhor dos mundos. Enquanto ela continuar bipolar (e esse é o problema...) todos vão acertar o diagnóstico, ou pelo menos o diagnóstico vai ter o potencial de parecer certo para uma grande parte das pessoas que o adotam, eventualmente para um pouco mais da metade das pessoas envolvidas.

No período que vai do fim da II Grande Guerra até o fim da década de setenta temos um grande desenvolvimento do campo das humanidades, e os pesquisadores que discutem a esfera social, não só da sociologia, mas também desde outras perspectivas, como a filosofia ou a história, vão desfrutar de um prestígio e de uma visibilidade maior do que a que tiveram até então. O mais desinteressado comentário de um autor como Sartre, por exemplo, será investido de um significado profundo. Esta autoridade intelectual pertence mais ao campo de conhecimento do que aos próprios pensadores. A sociologia marxista acerta na sua interpretação da sociedade e seus argumentos sobre o fim do capitalismo são inesgotáveis. E a sociologia liberal, ou conservadora, também acerta no seu diagnóstico e afoga seus partidários com argumentos lancinantes sobre o equívoco vermelho. Sem querer polemizar com John Lennon, a verdade é que, em 1966, Marx era mais importante que os Beatles.

Num mundo bipolar, os referenciais metodológicos do campo da sociologia parecem dar conta de seu objeto, tornando as análises cada vez mais complexas, mesmo que auto referenciadas, apresentando explicações que dialogam com o público em geral ou, em outros termos, construindo explicações nas quais as pessoas se veem

refletidas e que fazem sentido para elas quando confrontadas com sua visão de mundo e seu dia a dia.

Este é o melhor momento da história da sociologia, e é este momento exatamente que vai ficar mais nítido na memória dos membros do campo. Um momento de glória epistemológica.

Mas olhando o contexto com calma e à distância, percebe-se que a construção do campo tem alguma fragilidade. Em primeiro lugar, a sociologia nunca conseguiu desenvolver e adotar um referencial metodológico minimamente consensual. É certo que, na linha de raciocínio de Thomas Khun e Jürgen Habermas, no campo das humanas, ao contrário do que se observa nas ciências da natureza, diferentes escolas de pensamento podem conviver umas com as outras, por muito tempo. Isto é mais ou menos verdadeiro. Claro que há diferentes escolas de pensamento convivendo na área do direito, ou na educação, ou ainda na economia, mas há também consensos mínimos a respeito de questões fundamentais (como, por exemplo, direitos humanos, diferenças no ritmo individual de aprendizado, a relevância do papel da moeda) compartilhados pela maioria dos pesquisadores e que apontam para uma unidade epistemológica mínima indispensável ao diálogo dentro do campo.

No caso da sociologia vamos ter, desde o início até hoje, um embate entre o marxismo e o não-marxismo que, com todas suas ramificações, impossibilita a construção de um consenso mínimo a respeito de qualquer definição, e por consequência torna estéril qualquer tentativa de diálogo.

Outra questão que deve ser observada é a intensidade da dimensão teórica no referencial metodológico do campo. A teoria, obviamente, só pode ser teórica. No caso da sociologia, contudo, esta dimensão é levada ao limite extremo. Marx explica todo o capitalismo industrial sem nunca ter entrado numa fábrica e Weber, por sua vez, escreve com toda a segurança sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo sem consultar nenhum protestante de carne e osso a respeito de questões éticas. Inclusive porque, se eventualmente o sujeito agente da ação social abrir a boca

para falar alguma coisa ele vai, (a) reproduzir a ideologia hegemônica da classe dominante, ou (b) mentir a respeito de suas reais intenções no processo de busca racional da dominação.

O estudo da sociedade dispensa a opinião de seus membros. Lembra uma observação de Jorge Luis Borges que questionado a respeito de uma questão concreta qualquer respondeu: “Ah, isso é mera realidade...”.

Sem consensos teóricos mínimos, e sem um crivo no real, está aberta a porta para um processo de auto reprodução das mesmas ideias até o infinito, enquanto houver verba para pagar revistas acadêmicas a serviço de cada grupo, e congressos em lugares agradáveis para poder passear de vez em quando, porque, afinal, nem os sociólogos são de ferro.

Estas questões não são novas, pelo contrário, estão presentes na constituição original do próprio campo. E, mesmo assim, entre os anos cinquenta e setenta do século passado a sociologia consegue conversar com a sociedade, não apenas com grupos específicos ou vanguardas, ela consegue ser vista como uma área que contribui para que a sociedade possa entender-se a si mesma. Isto é, a sociedade escuta o que eles dizem e admira seus representantes. A explicação está mais atrás no tempo, no processo de formação da sociologia.

4.2.- Marx

Há um elemento fundamental de violência no comunismo. Não é um elemento original dos comunistas, algo que os diferencie radicalmente dos demais grupos políticos dos séculos XIX e XX, mas está presente, é importante na sua formação e funcionamento, embora existam diferenças de intensidade conforme o tipo de afiliação de cada comunista.

O prof.LA, por exemplo, contava de uma vez em que foi convidado, num determinado momento da carreira, para contribuir com um livro que apresentaria diferentes leituras da sociedade pós-queda do muro. Uma coletânea de textos de comunistas de diferentes matizes, inclusive uma parte composta por um grupo de católicos (que queriam parecer comunistas). Quase um zoológico, no sentido de uma enormidade de tipos e linhas diferentes.

As diferentes tendências de comunistas tratavam os católicos como uma espécie de dissidência do comunismo, ao invés de percebê-los como um grupo diferente com identidade própria. Na verdade, os comunistas se odiavam mais entre eles do que conseguiam odiar os católicos, que queriam ansiosamente ser aceitos pelos comunistas. O prof.LA contava uma passagem ilustrativa. Depois de uma longa reunião tentando aproximar as diferentes posições, um dos católicos comunista mais importante, com aquele jeito meio dengoso que caracteriza os padres e os quase padres, se levanta, abraça todos os que estavam por perto, e declara: “Vamos juntos até o final! Não vamos brigar, nós podemos ir juntos até o cemitério... aí no cemitério a gente se separa, nos católicos que evitamos o pecado e acreditamos em Deus vamos para o paraíso e vocês, comunistas, que não acreditam em Deus, vão para o inferno.” Risadas...

Mas esta não era a regra, vivia-se um ambiente de forte violência, muitas vezes institucionalizada, onde os comunistas eram muito mais violentos que os católicos. Estava o prof.LA de carona no carro indo para o CMLdC e percebeu que reinava um ambiente de velório. Um dos colegas comunistas estava tendo problemas. Um grupo de alunos, explicaram os outros professores, tinha denunciado o colega e exigia providências, sindicâncias, punições, humilhações em público, castigos corporais e por aí a fora. A história começou com um pequeno lapso. Como já foi dito a faculdade ficava muito longe e o pessoal fazia todo o possível, preservando alguma discrição, para não ir dar aula. Existia uma espécie de caderneta de professor onde se registravam as aulas dadas, e que era entregue na secretaria no final do semestre. Pois bem, o colega em questão registrou aula dada num dia que era feriado nacional. Uma

desatenção, evidentemente, registrada num documento oficial e com a assinatura do docente.

Estava armada a confusão. O colega em questão era do PCB e, na classe, tinha um grupo de alunos muito atuante de algum outro “P..” diferente, provavelmente “do B”, que continuava insistindo no tema, mobilizando alunos e funcionários, mantendo a questão na ordem do dia.

Naquele dia viajava com eles um colega mais velho que tinha alguma responsabilidade institucional sobre esses temas e, adivinhem, era comunista também, embora provavelmente de outra facção diferente.

Lá pelas tantas, ele declara:

- Está bom, este tema já deu, chegando na faculdade eu resolvo isso.

E resolveu. Juntou todos os alunos do tal “P..”, avisou-os de que ele sabia muito bem o que eles estavam tentando fazer e, aos berros, passou-lhes uma senhora descompostura, classificando-os de revisionistas, dissidentes, diversionistas, traidores da disciplina revolucionária, quinta coluna, personalistas, pequeno burgueses, e mais algumas outras categorias de análise do processo revolucionário. O assunto morreu aí, nunca mais foi retomado, e o grupo de alunos desse “P..” específico foi buscar algum outro comunista para lhe infernizar a vida.

O interessante em observar o comportamento dos comunistas era perceber como eles resolviam suas diferenças a partir de uma lógica de identidade de grupo compartilhada, que só os iniciados conseguiam imaginar, num contexto onde a violência entre pessoas e subgrupos estava sempre presente.

É interessante perceber também que, se o comunismo é dialético, a lógica da ação dos comunistas entre eles é de natureza funcionalista. Toda a história dos expurgos, detenções, Gulags, Kolimá, etc. confirma esta percepção. Pouco tempo depois de toda e qualquer revolução comunista fica evidente, para a maioria das

pessoas pelo menos, que o modelo não funciona. A alternativa dialética exige uma revisão da totalidade do movimento, e eventualmente, constatar seu fracasso.

Numa perspectiva funcionalista, pelo contrário, o modelo social deve tender ao equilíbrio e à harmonia. Se isto não acontece cabe localizar qual parte específica não está cumprindo bem a sua função. Não é um problema estrutural como quando há uma leitura dialética do social. Os eventuais problemas, desde uma perspectiva funcionalista, são resultantes de disfunções específicas que podem ser localizadas e sanadas. O expurgo então, apesar das aparências, não serve apenas para expulsar o culpado e restaurar as condições de saúde, serve também, e fundamentalmente, para garantir a inocência de todos os outros. O expurgo, mais que restaurar as condições de saúde do organismo revolucionário, passa um atestado de pureza para a maioria dos seus membros. É uma contradição, mas os comunistas, que deveriam pautar sua ação por uma análise dialética, pensam quase sempre de forma funcionalista.

Mas, voltando à questão central do texto, para começar a entender todo o processo que vive a sociologia é preciso ter claro que Marx não é um cientista e, mais importante, ter claro também que Marx sabe que não é um cientista. Marx é um profeta messiânico na mais clara tradição judaico cristã. Ele vai profetizar a vinda de um mundo melhor e ensinar a seu povo o caminho para chegar lá.

O Dicionário de Ciências Sociais (1987, p. 747), uma obra que, podemos imaginar, deve ter algum distanciamento com as diferentes correntes ideológicas, comenta que:

(...) a crença (no messianismo) nasce do descontentamento cada vez mais profundo de certas coletividades diante das desgraças e das injustiças sociais que as oprimem e afirma formalmente a esperança de que vai haver uma mudança completa das condições penosas de existência, trazida por uma personagem sagrada que tornará a pôr tudo em ordem.

Marx sabe que, em meados do século XIX, a religião triunfante é a ciência. Talvez esta seja sua mais brilhante profecia. Daí ele optar para descrever o quadro contemporâneo de injustiças e sofrimentos, assim como o caminho para a sua superação, numa linguagem com características acadêmicas. Na verdade, este movimento do profeta que antecipa a necessidade do uso da linguagem científica para que a profecia seja ouvida, é mais complexo do que parece. Marx, de certa forma, emula uma concepção embrionária de ciência, ligada à sua dimensão formal, onde o conteúdo de verdade de uma assertiva passa pela demonstração da relação lógico causal entre vários argumentos que dão suporte à proposta original. Isto faz parte do método científico, mas não garante, por si só, que de fato o autor esteja fazendo ciência. Argumentos falsos podem ser concatenados de forma lógica até demonstrar uma assertiva que, por força de coerência, também é falsa em si mesma. Neste sentido, podemos argumentar que a obra de Marx faz uso de uma forma de exposição e demonstração que caracteriza a produção científica, mas nem por isso os seus resultados podem ser vistos como expressão da ciência.

Aqui está o centro de toda a questão. Se levarmos em conta as críticas de Feyerabend (e, inclusive, a definição de performance de Lyotard) a ciência contemporânea se caracterizaria mais por forjar o real à sua vontade, do que pela sua compreensão do objeto. Neste caso, Marx não é um falso cientista, pelo contrário, ele antecipa o papel que a ciência vai procurar desempenhar na sociedade atual, desde uma perspectiva contemporânea e com a qual concordam, também, os pós-modernos.

Assim, fica em aberto a questão:

- (a) Marx é um profeta que antecipa o papel do discurso científico na sociedade e, portanto, um falso cientista ou
- (b) um cientista contemporâneo (pós-moderno diria Lyotard) que antecipa a verdadeira vocação que a ciência tentará assumir do final do

século XX em diante?

São detalhes assim que separam, de um lado, os gênios e os profetas, e do outro os simples mortais.

Esta definição está presente, em menor escala, na geração fundadora da sociologia. Mas convém separar o que pode ser uma vertente iluminista que amplia de forma exagerada a esperança nos benefícios da evolução da ciência, do caso da divulgação da “boa nova” pela boca do profeta, nos termos da definição do Dicionário. De fato, com o que Marx mais se parece é com um profeta. Vai dividir o mundo entre os que enxergam a verdade (e o seguem), e os falsos que recusam a conversão. Vai desqualificar todo o conhecimento acumulado até então, seja religioso, científico ou político, frente à sua verdade. E não terá escrúpulos para instigar a violência e o martírio.

O modelo de explicação marxista de mundo é totalizante, não permite contradição e é dogmático. A ideia de práxis, enquanto a possibilidade de realimentar a teoria a partir das vivências concretas, só se aplica nos limites das categorias fundadoras do modelo, como o conceito de mais valia, luta de classes e modo de produção. Esta questão foi apontada na origem por Bakunin. A renovação do marxismo, portanto, só é possível a partir do que lhe é típico e fundador. O espantoso avanço da ideologia marxista nos anos seguintes apenas reforça sua característica messiânica.

Desde a perspectiva da sociologia, enquanto área acadêmica de conhecimento, ter entre seus membros um importante profeta da história traz vantagens e desvantagens. A proposta marxista é de uma complexidade única no campo das humanidades. O conceito de dialética pressupõe a compreensão do todo social, em constante movimento, como resultado da permanente contraposição dos opostos. A dialética materialista vai situar as relações materiais de produção como a chave imprescindível à reflexão dialética. Não há dialética sem um elemento que una os opostos que se contrapõem que, neste caso, é a categoria trabalho.

A mente humana consegue conceber uma totalidade em movimento, composta pelo confronto de duas dimensões antagônicas constitutivas, porque funciona de forma randômica, ou seja, ao contrário do computador consegue contrapor muitas variáveis entre si, ao mesmo tempo. Marx caminha na frente da lógica binária dos computadores que serão inventados muito depois.

A dialética caracterizaria a apropriação do paradigma lógico que Marx desenvolve e adota. Porém, a compreensão do real, decorrente desta forma de pensar, não pode ser explicada no papel, ou verbalmente, da mesma forma pela qual é concebida. Ou seja, no materialismo dialético a forma de compreensão do real não coincide com a forma de descrição (já que não existe uma linguagem que possa demonstrar as relações de todas as diferentes partes do real ao mesmo tempo, embora esse processo possa acontecer no interior da mente humana). Será necessário romper a realidade compreendida em partes e, a partir deste esfacelamento, expor seus diferentes aspectos fazendo dois movimentos epistemológicos específicos:

- (a) um movimento de ir e vir entre o que é socialmente específico e individual, e o que é geral,
- (b) e outro movimento no tempo entre o passado e o presente.

O resultado é a exposição de um quadro empobrecido e segmentado da compreensão dialética do real, porque no marxismo, como foi colocado, a forma de exposição do real não coincide com a forma de apreensão.

Mas aqui temos outra característica original e diferente. Apesar de toda a complexidade e profundidade do modelo conceitual, ele permite também uma apropriação rasa e mecanicista, reduzindo toda a dialética a um confronto imediato entre trabalhadores bons e capitalistas maus. Neste caso, a complexidade, jamais alcançada pela ampla maioria dos convertidos, é substituída por uma revelação simples e verdadeira.

O elemento unificador do mito é a teoria do valor trabalho, ou a teoria da mais

valia. Marx demonstra que os custos na economia são decorrentes da mão de obra, já que tudo o que existe é extraído, em última instância, da natureza, e seu valor vai aumentando à medida que incorpora mais trabalho humano. As consequências deste raciocínio são imensas, começando pela supervalorização do trabalho manual frente às tarefas intelectuais e gerenciais.

Proudhon, antes de Marx, desenvolve sua própria explicação para o fato de que o empregador fica cada vez mais rico, enquanto o trabalhador permanece pobre. A explicação associa a questão de a propriedade com o fato do empregador pagar os trabalhadores individualmente, enquanto os utiliza de forma coletiva. Dez trabalhadores constroem uma casa em um mês, mas um trabalhador sozinho não consegue construí-la em dez meses. Há um ganho aqui, apropriado pelo empresário. A ideia é boa e tem a vantagem de ser menos economicista, e, portanto, mais flexível, que o conceito de mais valia marxista.

Mas Marx é incomparável. Marx vai escrever, no que se tornou o volume quatro de “O Capital”, quase mil e duzentas páginas explicando o conceito de mais valia. E não são páginas mal escritas, transbordam erudição, lógica e argúcia intelectual. Obviamente, ninguém vai ler o texto, e muito provavelmente Marx sabia que ninguém ia lê-lo, inclusive porque um parágrafo é mais que suficiente para explicar o conceito de mais valia.

Por que escrever o volume então? Bem, primeiro, porque ele gostava de escrever e, além disso, a existência das mil e duzentas páginas jamais lidas dá a todo marxista, que aprendeu a teoria da mais valia em um parágrafo, a certeza de que aprendeu algo extremamente complexo e importante... como demonstra o livro não lido.

A verdade é que o conceito de apropriação pelo empregador de uma riqueza escondida no pagamento do trabalhador isolado, sobre o produto de trabalho do coletivo não pago, apresentado por Proudhon, é até mais rico que o de Marx. Mas a categoria de Marx, é preciso reconhecer, é mais fácil de operacionalizar dentro de

uma teoria fechada. Só um filósofo que nunca trabalhou numa fábrica pode chegar a este nível de simplificação. Quando o modelo teórico da mais valia marxista foi confrontado com a realidade concreta, seja pelos críticos do sistema, seja pela experiência do socialismo real, os marxistas perceberam que uma série de funções indispensáveis ao funcionamento da fábrica, desde limpeza ou vigilância, até logística ou desenvolvimento de processos, não incorporavam tempo de trabalho diretamente à mercadoria.

A solução foi desenvolver e apresentar uma série de categorias vagas, como trabalho produtivo e trabalho não produtivo, ou ainda trabalho vivo e trabalho morto, que em vez de aproximar o modelo ao mundo real, o jogou no interior de um pântano conceitual indecifrável.

Mas, em última instância, estamos falando de fé, da capacidade para enxergar a verdade e distingui-la do engodo ideológico. A coerência metodológica e a adequação do objeto de estudo à realidade social ficam, neste contexto, em segundo plano.

Tanto a legitimidade da área da sociologia como sua expansão, principalmente no período pós-segunda guerra, vão a reboque do fenômeno marxista. Isto cria, por um lado, a áurea de um campo de pesquisa e de pesquisadores que “acertam” o que vai acontecer na sociedade e, por outro, inviabiliza a construção de um referencial teórico alternativo e mais próximo aos princípios científicos. Neste período, o Marx profeta, ou falso cientista, ou ainda cientista contemporâneo do pós-moderno, se constitui num pensador insuperável.

O cientista busca com seu trabalho desenvolver um modelo teórico que explique aspectos específicos do real. Marx consegue inverter esta lógica, ele vai incentivar e propiciar o surgimento, na realidade concreta, de aspectos e condições específicas que fazem com que ela se aproxime ao seu modelo teórico.

É brilhante e, de certa forma, original desde a perspectiva científica. Talvez não tanto desde uma perspectiva mística. Marx vai ilustrar, se não cientificamente pelo

menos através de uma linguagem com características científicas, uma profecia que vai se realizar no tempo e comprovar a veracidade da proposta teórica que a antecede. A profecia vai comprovar, portanto, seu próprio caráter científico. A integração entre estas duas dimensões é tão forte que fica a impressão de que não existiria a profecia (o mundo melhor, a terra prometida) sem o recurso do raciocínio científico.

Um fenômeno desta magnitude, no interior de uma área de pesquisa recente e em formação, inviabiliza qualquer outra tentativa de construção do campo científico. Durkheim parece ser o único grande autor imune ao processo, essencialmente por uma questão temporal. Toda a produção intelectual do campo vai ter que posicionar-se, de alguma maneira, frente ao fenômeno marxista. Toda a área vai ser condenada a participar de um diálogo que, se não é totalmente falso, é com certeza enviesado e desigual. Peguemos o exemplo de Max Weber. Ele realmente não apresenta uma teoria sociológica sua, ele vai concentrar todos seus esforços para demonstrar a falência do marxismo, ou seja, mais do que ser Weber ele é um não-Marx. Trata-se de perceber que, sem Marx, a obra dele poderia ter seguido caminhos totalmente diferentes.

Capítulo 5.- O impiedoso

5.1.- Todas as racionalidades

O modelo científico é de uma simplicidade atroz. Para termos ciência basta definir um objeto específico de interesse e apresentar um método para pesquisá-lo, de preferência apoiado em alguma teoria mais ou menos aceita no meio acadêmico. Talvez fazer ciência não seja realmente simples, mas o conceito de ciência é, sem dúvida, simples.

As ciências humanas, e especialmente a sociologia, têm alguns problemas para lidar com esta simplicidade. Em primeiro lugar, a constituição do campo permite confundir sujeito e objeto. O sujeito da ação de pesquisar está inserido na sociedade e, portanto, não se distingue, pelo menos com absoluta clareza, do sujeito da ação social estudado pelo pesquisador.

Além disso, neste campo de pesquisa, o sujeito agente da ação social (seja pesquisar ou ser pesquisado) é dotado de raciocínio, livre arbítrio e capacidade de aprender (o que significa dizer que pode agir de forma diferente no tempo, mesmo mantidas todas as outras variáveis iguais). Ou seja, ele age a partir de uma determinada racionalidade, ou lógica (conforme a definição adotada), ou ainda uma leitura ideológica particular. A ação social não se dá no vazio, ela ocorre no interior de um espaço social onde, por sua vez, impera uma racionalidade, ou lógica, ou ideologia, característica da sociedade em que o sujeito está inserido ou, pelo menos, em que está inserido o grupo de pessoas que vai delimitar sua esfera de ação possível.

Podemos questionar a existência deste atributo racional (ou etc.), tanto no comportamento do sujeito individual, como no meio social em que atua, mas é mais

recomendável aceitar a sua presença. A grande maioria dos pesquisadores prefere pensar assim.

O sentido do todo social não pode ser compreendido pela simples observação, ou ainda pela mensuração e frequência de seus aspectos constitutivos. É necessário um modelo de interpretação que interligue e hierarquize as diferentes manifestações. Da compreensão deste modelo, e da sua aplicação no objeto de pesquisa, depreende-se a lógica do todo social observado, ou ainda a inexistência de uma lógica, o que condiciona o modelo, num primeiro momento, a sujeitar-se a uma inevitável aleatoriedade nas manifestações sociais. O sujeito agente da ação movimenta-se neste meio a partir de sua autonomia e nos limites físicos da sua corporeidade, atuando no interior de espaços, ou esferas, de ação que condicionam as alternativas possíveis. Neste meio, o sucesso vai depender da mais impressionante característica do sujeito da ação: a sua capacidade intelectual.

Esta dimensão intelectual parece transcender, contudo, o simples uso da capacidade de observação, memória e raciocínio lógico. Ela traz, ou tem a potencialidade de trazer, uma marca original própria ou ainda uma espécie de matriz de comportamento que ajuda a explicar não só as alternativas de ação escolhidas, mas também as interações eletivas com os outros participantes do grupo. A sociologia enquanto área de conhecimento vai trafegar num eixo delimitado por essas duas barreiras:

(a) de um lado temos a sociedade determinando características individuais do sujeito, conferindo-lhe uma estreita margem para autonomia e originalidade. Este ponto é importante para os sociólogos (justifica a existência da área de pesquisa), a forte influência da sociedade sobre o indivíduo.

(b) do outro lado o limite é mais complexo. O ser humano é um ser social por definição. Porém, suas características pessoais e autonomia de ação podem vir a desempenhar um papel significativo na construção do social,

embora não tão importante a ponto de poder isolá-lo da influência primordial da sociedade. Por trás disto, além das questões de ordem conceitual, como os limites e consequências da autonomia do sujeito social, está uma importante questão de ordem prática: o sociólogo só pode justificar a existência de sua área de pesquisa, e por consequência o seu emprego, nos limites de uma definição social do indivíduo. Se esta premissa se demonstrar falsa, psicólogos e psiquiatras vão ficar com o seu campo.

A determinação social do comportamento do ser humano vai se constituir, assim, na pedra fundamental do campo de conhecimento sociológico. Mas, ao mesmo tempo, a expectativa de um comportamento individual racional é o elemento necessário para a possibilidade de construção de modelos explicativos. Neste sentido, qualquer movimento em direção à irracionalidade do comportamento do sujeito (nas diferentes apropriações de Nietzsche e Freud, como fazem os pós-modernos, por exemplo), da incapacidade do sujeito conhecer verdadeiramente o real, já que tudo é transmitido pelos sentidos (como apresenta a fenomenologia), ou ainda relativizando a capacidade de que a linguagem possa servir efetivamente para a comunicação e a compreensão do real (por exemplo, o primeiro Wittgenstein), leva rapidamente a um beco sem saída e limita as possibilidades de expansão do campo.

Não se trata, portanto, de expulsar psiquiatras e psicólogos do campo, trata-se essencialmente de ater-se à tradição clássica do campo, onde o meio social determina o sujeito individual. De uma forma um pouco mais forte no caso de autores como Marx, Elias, Bourdieu e Durkheim, ou um pouco menos na tradição dos neokantianos como Weber, Parsons e Wrigth Mills. Mas, sempre, o ser humano é um ser social, por definição.

Falando especificamente de Marx, o modelo atende a esta premissa básica, o ser humano é fruto da sociedade, com a observação que não se trata da sociedade de uma forma geral, mas da sociedade vista como resultante da luta material pela

sobrevivência das pessoas, através do conflito de classes e o desenvolvimento dos modos de produção. A racionalidade do sujeito agente da ação social então vai ser determinada pela percepção da sua posição de classe, em função de ele conseguir rasgar o véu ideológico e assumir uma postura revolucionária ou, no sentido oposto, viver de forma politicamente alienada, acreditando na ilusão ideológica propagada pela classe dominante. Isto vai ter grandes consequências para toda articulação entre teoria e prática do modelo, como será mais bem discutido adiante.

5.2.- Frente ao gênio

5.2.1- O profeta científico

Como foi desenvolvido antes, Marx é um profeta, não deveria portanto ser um cientista. Todos os períodos de grandes e violentas transformações produziram algum profeta.

Não há dúvida que a Revolução Industrial foi uma tremenda transformação da sociedade, em todos os sentidos imagináveis. O surgimento de um profeta para dar direção aos povos não era apenas necessário, era inevitável. Mas, para o pesquisador ocidental, formado no iluminismo e nas escolas clássicas da sociologia, é preciso um exercício de humildade para reconhecer toda a sagacidade de Marx, um profeta que vai perceber que, no coração da Revolução Industrial, o discurso revelado por Deus e característico dos profetas anteriores, presença clássica em todas as religiões, não tem mais espaço.

As pessoas precisam, desesperadamente, daquilo que só a religião pode dar. A esperança num tempo melhor, a certeza de que as injustiças serão castigadas no futuro, e a revelação do caminho para um lugar maravilhoso e perfeito, onde as pessoas justas poderão descansar, senão elas mesmas pelo menos os seus filhos. Mas, Marx vai perceber também que em seu tempo existe um pequeno problema: as

instituições que tradicionalmente vendem este produto estão totalmente desacreditadas. E é aí que Marx faz a diferença. A verdade é que o produto em si continua válido e necessário. Estavam desacreditadas as agências de venda, os vendedores e, atenção aqui, a forma do discurso. O produto, em si, não está desacreditado.

Marx vai perceber isso. Será que aconteceu assistindo a um culto de seu pai rabino? É um mistério que vai nos perseguir para sempre. Mas ele percebe que a profecia, a boa nova, não pode mais ser ditada por um ser superior, um Deus.

Esta percepção em Marx é mais complexa do que parece. Num sentido diferente, se pensarmos bem, a profecia “acadêmica”, ou o discurso científico travestido em religião, também não é tão novo e original. Podemos lembrar-nos de Platão e Sócrates, de Rousseau, ou até Nietzsche. Mas Marx é o único cientista que transcende sua condição. Ele é abraçado pelo movimento operário, depois pelas massas e por fim pela própria academia. Ele obtém primeiro o clamor das massas urbanas (o meio urbano é algo novo na história) para depois estender a sua aprovação para o espaço acadêmico, que o legitima (lembrando que ele nunca foi professor), até dialogar com os mais diferentes espaços da vida social e política. É uma questão ainda sem resposta. Um elemento significativo pode ser a importância, profundidade e violência da revolução industrial. Podemos pensar que a mais rápida e forte transformação social da história da humanidade traz consigo a necessidade de um profeta cuja divulgação e impacto seja igualmente rápido e forte. Neste caso Marx não seria necessariamente mais brilhante que seus antecessores. O momento em que viveu é que seria particularmente fantástico na história da humanidade.

A boa nova pode e deve ser revelada por uma instância superior, mas essa instância não pode ser Deus, tem que ser a ciência. Em 1848 as pessoas querem acreditar nas mesmas coisas em que sempre acreditaram, só que elas não querem ouvi-las de um emissário divino, querem ouvi-las de um cientista. Ele renova a profecia, torna-a viável no tempo, mudando a forma do discurso.

Cada profeta de sucesso tem sua marca. Marx vai deixar a mais extensa obra escrita por um profeta, onde todas as revelações vão surgir de demonstrações lógicas, coerentes e complexas. Os dogmas aqui são categorias. Num campo como a sociologia, que prescinde da prova empírica, toda categoria é, antes de tudo, resultado de um desenvolvimento lógico expresso numa retórica adequada e, no caso de Marx, auto-referenciado. O modelo se fecha numa totalidade à medida que uma categoria justifica a outra. Não há mais valia sem luta de classes, não há luta de classes sem modo de produção, não há modo de produção sem dominação, não há dominação sem ideologia e assim por diante.

Nesta caminhada a retórica da teoria do valor cumpre um papel central, que vai contaminar rapidamente todo o campo de pesquisa. A teoria do valor pode ser explicada em dois parágrafos, mas Marx gasta dois volumes. É assim que o campo vai funcionar.

Mas Marx tem um ponto que o distancia de todos os exemplos de “ciência que vira religião” ou “culto à ciência”. Ele odeia abertamente a religião e seu modelo prescinde dela radicalmente. O fato é que a sociedade, depois de Marx, não precisa mais das religiões. Talvez porque agora ela tenha o próprio Marx.

5.2.2.- O profeta não gosta de Deus

O modelo marxista, como a maioria das profecias mais complexas, adota uma lógica que articula seus elementos internos. Quando Marx afirma que a religião é o ópio do povo, as pessoas, pelo menos a maioria, entende que a religião justifica de forma ideológica as injustiças e as formas de exploração presentes na sociedade contemporânea, que é uma sociedade capitalista. Ou seja, a denuncia das formas de apropriação de trabalho não pago pela classe dominante passa pela denuncia dos mecanismos ideológicos que permitem a manutenção conservadora da situação através do convencimento das pessoas, escondendo o processo real de exploração.

Neste caso, a religião ajudaria a que as pessoas aceitassem passivamente as

injustiças de um modo de produção perverso. A crítica marxista fundamental se refere à exploração e à dominação de classe. A religião vai ser criticada por se constituir num elemento que auxilia a sobrevivência de um modelo de exploração social. Isto é, a religião vai apanhar por ficar no caminho entre o profeta e a sociedade capitalista má que ele quer denunciar e revolucionar.

Este raciocínio, numa observação rápida, parece fazer sentido. Porém, na verdade, ele só faz sentido partindo da premissa que o marxismo é um modelo científico de explicação de mundo e não uma profecia. Assim, a crítica à religião, e à existência de Deus por tabela, é secundária e se articula de forma coerente com as demais categorias.

Acontece que o marxismo não é um modelo científico de explicação de mundo, mas uma profecia procurando converter as pessoas à sua visão. Todos seus elementos constitutivos internos convergem para esta definição. Aceitando-se esta premissa, a lógica de relação Marx/religião explicitada anteriormente se inverte. A religião não é criticada por ficar no caminho da revolução ao servir de reforço ideológico para a manutenção de uma sociedade injusta e de exploração de classes. A sociedade injusta é que vai ser criticada por ficar no caminho do verdadeiro objeto de crítica: as outras manifestações religiosas.

Existe, no ambiente intelectual em que Marx se movimenta, uma relação tensa, ou talvez paradoxal, com a religião. Podemos pensar em Comte e a religião do homem, ou ainda em Durkheim. Podemos pensar inclusive na ideia de que a próxima religião seria o “culto à ciência”. Mas Marx vai trabalhar a questão de outra maneira. Não se trata de cair na tensão interna de uma expressão como “culto à ciência”. Só uma religião é cultuada. A ciência não precisa de culto pela simples razão de que a ciência é, ou pelo menos Marx percebe que muito em breve vai ser, a expressão mais acabada e inquestionável da verdade. Como, aliás, já nos alertou Feyerabend.

Marx, como todo profeta, sabe que a possibilidade de expansão da fé na sua profecia vai depender, fundamentalmente, de deslegitimar e destruir as outras

religiões. Para que uma pessoa abrace a fé no homem novo, na sociedade justa e sem classes, é necessário que ele abandone e repudie as outras religiões, e se dedique totalmente a ela. As diferentes religiões não conversam entre si. Ou ainda, conversam entre si de forma antropófaga, uma religião tentando subjugar a outra. Que fique registrado, Marx não veio ao mundo para ser subjugado por ninguém.

Marx, mais uma vez, mostra seu talento ao trabalhar o discurso em dois níveis distintos. Desde a perspectiva da forma científica que reveste a profecia, a crítica violenta e radical à sociedade de classes tem que passar, inevitavelmente, pela crítica às religiões. Desde a perspectiva da profecia, enquanto núcleo duro do marxismo, a crítica essencial indispensável às outras religiões funciona de forma eficiente dentro do modelo, porém camuflando sua real importância para não arriscar fragilizar a dimensão, apenas formal, de discurso científico.

A partir do momento em que a fé na profecia marxista se torna hegemônica, dentro de grupos sociais específicos, abre-se espaço para sincretismos, como é comum na expansão das religiões em geral. Esta é uma ideia que Marx não deixa escrita em nenhum lugar, e ele escreveu muito. Mas isto não quer dizer que não tenha passado pela sua cabeça.

Para Marx, e mais ainda para o Marx maduro, a defesa da fortaleza “científica” é um elemento fundamental. Quando alguém começava a estudar sociologia nos anos setenta e oitenta era exposto a uma ênfase discursiva sistemática da dimensão científica do marxismo (também chamado de materialismo científico), ao mesmo tempo em que não se via os adeptos de Durkheim, ou de Weber, para ficar nesses dois exemplos, destacando e reiterando o atributo científico dos seus autores.

Sendo mais específico, no campo do marxismo a expressão materialismo científico faz (ou fazia) referência à pesquisa histórica enquanto materialismo dialético trata das questões da metodologia.

Para Marx, pensar na possibilidade de um sincretismo entre seu modelo e

religiões constituídas abriria uma brecha perigosa na tão sólida definição científica do marxismo. Constituiria uma pista absolutamente desnecessária. Mas é improvável que ele não tenha antecipado associações como as que vieram a ocorrer posteriormente, por exemplo, entre o PCB e o kardecismo ou com os católicos e a famosa Teologia da Libertação.

Na verdade, estes movimentos sincréticos entre Marx e religiões anteriores só vem reforçar a ideia de que Marx é um profeta. Ninguém nunca ouviu falar de sincretismos entre os kardecistas, ou os católicos, para ficar nos dois, e Émile Durkheim ou Max Weber. A aproximação entre Marx e as religiões é possível porque ambos compartilham uma matriz comum: a vinda do profeta que anuncia a boa nova. É possível questionar a natureza científica dos textos de Durkheim e de Weber, ainda mais se você parte de uma definição dura de ciência. Mas é inegável que eles não tentam serem profetas trazendo uma nova mensagem de salvação da humanidade.

Uma crítica que se faz a Marx é que ele teria sido ingênuo, e um pouco presunçoso, ao achar que escrevendo alguns livros (um monte a bem da verdade), poderia acabar com a crença em Deus. Marx podia ser arrogante, mas com certeza não era ingênuo. Ao atacar a religião ele abre espaço para seu próprio modelo de profecia. Não se trata de um conflito entre ciência e religião, mas entre uma profecia nova e as já estabelecidas. A originalidade está em perceber que, para obter adeptos em 1848, a nova profecia tem que se apresentar como ciência. Uma ciência que, paradoxalmente em certo sentido, tem que destruir a religião.

5.2.3.- A racionalidade de um modo de produção: bons X maus

Marx percebe que qualquer explicação de mundo tem de lidar com a tensão existente entre a racionalidade do modelo social e a racionalidade do sujeito individual agente da ação social. Profetas e cientistas sociais têm isso em comum: o sujeito agente da ação não pode ter autonomia absoluta sobre seus atos.

Esta fronteira foi muito trabalhada por membros da Escola de Frankfurt.

Partindo da dicotomia entre o *valor de uso* e o *valor de troca*, conforme a teoria marxista, onde o primeiro assumiria aspectos relativamente humanos enquanto o segundo uma dimensão de mercado. Horkheimer, Adorno e Marcuse vão contrapor esta discussão ao conceito de racionalidade weberiano. Apresentam assim uma reflexão fundamentada na relação entre um *agir substantivo* (filho do valor de uso) e um *agir instrumental*, ou ainda *agir racional com respeito a fins*. Habermas, por sua vez, vai ganhar fama lançando um modelo reestilizado, uma espécie de *face lift* do modelo anterior, onde vamos encontrar a contraposição entre *agir comunicativo* (neto, por sua vez, do valor de uso) e *agir estratégico*.

Marx, como de costume, está à frente de seus seguidores, e de seus detratores. A questão central está na concepção de uma dialética. A explicação do real que Marx apresenta ilustra um modo de produção onde se percebe um conflito entre duas classes sociais antagônicas. A classe dominante que se apropria do trabalho não pago da maioria da humanidade, e a classe subalterna explorada pela classe dominante.

Nada em Marx é simples, salvo quando é intencionalmente empobrecido pelos seus comentadores. O modelo dialético pressupõe uma situação de conflito entre a tese e antítese, tendo sempre presente que em momentos específicos, que podem se repetir ao longo da história, este conflito terá uma solução fugaz com a síntese revolucionária. Síntese esta que vai se tornar, novamente, num conflito entre uma nova tese e uma nova antítese.

Pois bem, este modelo apesar de fundamentado no conflito, é estável, ou tende sempre a buscar a permanência (ou o retorno) às relações entre tese e antítese, e aponta claramente as relações entre a racionalidade da sociedade (o conflito de classes) e a racionalidade do sujeito agente da ação social (determinado pela classe social em que ele está inserido no momento da observação).

O sujeito social, portanto, não tem autonomia, ele está obrigado a agir conforme os determinantes de sua classe social. O burguês, dono de uma fábrica e explorador do trabalho alheio, jamais poderá ser justo, jamais poderá pagar um

salário digno aos seus trabalhadores. Se ele tentar fazer isso irá à falência, já que seus concorrentes pagam salários aviltados. Ele só poderá continuar pertencendo à classe burguesa se agir conforme os padrões desta classe. Da mesma forma, os operários têm seu tipo de vida determinado pela classe a qual eles pertencem. Jamais assistirão à final do campeonato de tênis em Paris, ou terão um jatinho para chamar de seu.

Esta concepção dialética do marxismo atende às exigências epistemológicas de uma sociologia que pretende apresentar-se como científica, de acordo com as características formais do relato de Marx. Ficam claras tanto a racionalidade da sociedade como um todo, como a racionalidade do sujeito social inserido em sua classe. Como sempre neste autor, o todo é coerente e as partes, ou as categorias se preferirem, se articulam entre si. Mas há um detalhe que tem de ser levado em conta: Marx é um profeta. O capitalismo será o último modo de produção antagônico, porque o profeta revelou à humanidade a dinâmica e a lógica das formas de exploração de classes e dotou os humildes da sabedoria necessária para encerrar esse ciclo, que vem se repetindo desde o início da história.

Pois bem, se esta sociedade em que vivemos é a última expressão de forma de exploração de classes, a situação vivenciada não é de estabilidade, mas de revolução, de síntese dialética. Isto vem alterar radicalmente a relação, proposta pelo modelo explicativo, entre a racionalidade da sociedade e a do sujeito social.

A partir do momento em que o sujeito da ação social se compromete com a busca da síntese dialética, ou a busca da revolução, ele se emancipa da lógica do modelo social em que está inserido, justamente porque o modelo é injusto e deve ser destruído. Em outras palavras, o modelo marxista apresenta duas explicações de mundo possíveis.

Em uma

- (a) temos um modo de produção onde duas classes sociais se confrontam e onde as diferenças entre a racionalidade do modelo e do sujeito

social são claras e definidas. A revolução, ou síntese dialética, vai ocorrer pelo acirramento das contradições e não por uma consciência política clara da característica dialética dos conflitos sociais, por parte dos sujeitos sociais.

E outra

(b) onde se aproxima a vivência da última síntese revolucionária, onde o sujeito social, a partir de sua própria autonomia, deve escolher alternativas de ação a partir da análise de cada situação concreta e específica, tendo presente como guia que orienta as suas ações a palavra do profeta. Aqui, na prática, Marx descarta qualquer pretensão científica, no sentido forte do termo, e abraça a transformação do real a partir da fé, como é típico dos profetas. Trabalhadores do mundo, uni-vos! Estamos frente à construção de um grupo de pessoas que tem a clareza ideológica de confrontar o sistema hegemônico perverso e explorador. Grupo este que está condenado, até o triunfo da revolução, a viver num sistema social cujos valores contradizem tudo o que ele acredita. Por isso é fácil entender porque os comunistas são contra tudo, independente de qual é a proposta ou de quem vem.

Há um desequilíbrio patente entre a explicação dos modos de produção, inclusive o capitalista, e a certeza da sua substituição por um último modo justo e igualitário. Nem os geólogos saem por aí afirmando como serão as rochas na semana que vem. Esta raríssima competência epistemológica, falando exclusivamente do campo científico, é um privilégio dos marxistas e depende não só do conhecimento da dialética, mas também das chamadas leis de tendência.

Um benefício adicional, sempre na tradição dos profetas, é dividir o mundo entre os bons e os maus. De um lado os humildes, explorados, solidários entre si e com potencial transformador revolucionário e, do outro, os exploradores reacionários.

A forma científica do discurso legitima a profecia, mas, ao mesmo tempo, torna o texto hermético e de difícil compreensão. Marx vai optar por divulgar seu trabalho, pelo menos a partir do Marx maduro, em dois níveis diferentes. Ele vai continuar insistindo na forma científica e, ao mesmo tempo, vai apresentar obras de divulgação como O Manifesto e O Capital. Esta postura vai autorizar seus seguidores a divulgá-lo das mais diferentes formas, chegando à versão de O Capital como história em quadrinhos. Não há alternativa, inclusive porque, no limite, não se trata de ciência no sentido forte do termo. O conceito de intelectual orgânico de Gramsci, e sua proposta de que todos os comunistas são intelectuais, segue esta mesma lógica (Portelli, 1977).

Fundamental é marcar com clareza a fronteira entre o bom e o mau, entre quem está com Marx e quem está contra. Os níveis de violência extrema e os extermínios em massa, que vão pautar a história do socialismo real, ilustram a interface entre esta demonização do outro e o fascínio pelo uso da força bruta, típico do final do século XIX e primeira metade do século XX. Como a maioria dos modelos fundamentados na palavra revelada por um profeta (podemos discutir se o budismo seria uma exceção), o marxismo vai caminhar entre a conversão do “outro” e o extermínio do “outro”. O recurso à violência, contudo, não parece ser uma característica típica do marxismo, que o distinga dos outros movimentos messiânicos e políticos. A utilização de uma linguagem científica no processo de divulgar uma mensagem revelada, por exemplo, é um aspecto muito mais original.

5.2.4.- Engenheiro: limite-se à sua insignificância

Marx consegue mais do que colocar seu modelo de explicação de mundo no cenário científico do século XIX e primeira metade do XX. Ele consegue colocá-lo na posição de um elemento que pode explicar e esclarecer a verdadeira natureza dos outros campos da ciência, num movimento que, em determinadas circunstância, pode até subordinar esses outros campos à sua lógica e sua chancela. É um exemplo de

meta relato. Talvez o exemplo perfeito de meta relato.

Para Marx a adoção de uma solução técnica (e indiretamente todo o conhecimento necessário para o seu desenvolvimento) só será possível na medida em que ela está de acordo com a lógica, ou a ideologia, de uma forma de exploração dos trabalhadores pela classe dominante, nos limites de um modo de produção específico. A invenção da máquina a vapor, da pólvora ou do trabalho numa linha de montagem pode ocorrer em diferentes momentos da história, mas só vão se disseminar pela sociedade quando a natureza das soluções atende necessidades específicas da exploração do trabalho naquela conjuntura histórica.

Neste sentido, é preciso ter claro que, em primeiro lugar, a solução técnica socialmente apropriada não é neutra, mas traz em si mesma um componente ideológico e, em segundo lugar, que só um cientista profundo conhecedor do materialismo dialético pode apresentar a verdadeira explicação da apropriação social da solução técnica.

Bakunin dizia que se inclinava frente à autoridade de um sapateiro para fazer um sapato, ou de um engenheiro para fazer uma ponte. Pois bem, não é o caso de Marx. Ele não se inclina frente à autoridade de ninguém. Esta lógica parece estar por trás dos planos econômicos falidos das experiências iniciais do socialismo real, como ilustram os primeiros projetos econômicos de Stalin, Mao e Fidel (podemos citar também Chaves e Dilma). Vale a piada: Fidel Castro reúne seus homens, depois da vitória, e pergunta: tem algum economista aqui? E o Che Guevara grita EU, EU, EU... Então Fidel diz: você vai ser o ministro da economia! Ao que o Che responde, mas eu ouvi se tinha algum comunista aqui.

Na perspectiva dos comunistas, é melhor um engenheiro inepto e comunista do que o contrário. Pois a ciência é fundamentalmente ideológica, e seus desígnios podem ser ultrapassados pela consciência política e pelo engajamento na luta de classes.

Deng Xiaoping é o exemplo da superação e abandono desta forma de pensar, com seu socialismo de mercado e a famosa frase “não importa a cor do gato desde que ele cace os ratos”.

O modelo marxista fundamentado na luta de classes, que caracteriza a produção madura do autor, articulado com conceitos como a ditadura do proletariado e as dores do parto, vai ter que aproximar o agente da ação a algum nível de voluntarismo. É preciso ter em mente que o sujeito individual se orienta a partir de uma racionalidade própria, que surge da sua interpretação do que seria a “práxis” revolucionária enquanto a forma de agir coerente com a prática revolucionária transformadora, que ele busca conscientemente adotar. Pois bem, esta ação individual vai se dar nos limites de uma sociedade cuja lógica própria, ou sua racionalidade, é falsa e enganosa já que expressa, inevitavelmente, a ideologia da classe dominante naquele momento e que não pode ser, por definição, a ideologia revolucionária.

Enquanto o povo não chegar à sociedade comunista perfeita, pessoas e grupos de referência vão ter de atuar a partir da “práxis” revolucionária e manter-se permanentemente desconfiados da sociedade mais ampla que os rodeia, cuja lógica reacionária joga, a todo o momento, contra a proposta revolucionária. Num contexto em que qualquer manifestação da sociedade pode esconder um retrocesso nas lutas, ou uma sabotagem, a repressão e a paranoia são inevitáveis. Mais que isso, qualquer um que não se manifeste claramente paranoico será percebido com desconfiança no seio da organização revolucionária. Na verdade, é altamente provável que o sistema interno de ascensão aos cargos mais importante termine por dar mais poder aos mais paranoicos. E assim se monta o cenário para a generalização dos expurgos e campos de concentração. A análise que Bion (1970) desenvolve sobre a psicologia dos grupos sociais, e sua tipologia entre grupos focados no resultado e controladores do tempo, grupos caracterizados por comportamentos do tipo luta e fuga e grupos de natureza paranoica, pode ensinar coisas importantes para os revolucionários comunistas.

O trabalho de Bion com a psicologia dos grupos mereceria mais atenção das

pesquisas em políticas. Em termos muito simples ele procura comprovar que os grupos sociais acabam incorporando uma espécie de personalidade própria, a qual vai interferir nas decisões tomadas coletivamente, mesmo que de forma participativa e democrática. Dentro da tipologia que ele apresenta vale destacar os grupos com perfil paranoico. Neste caso o grupo tende a identificar como líderes pessoas que melhor enxergam inimigos externos ou internos. O fato dos inimigos não existirem realmente tem pouca importância. O grupo imagina ou pressente a presença dos inimigos, ato contínuo elege líderes que melhor enxergam a sua presença, fato este que vai reforçar a percepção dos inimigos por parte do próprio grupo. É a história do socialismo real.

O sistema marxista não consegue realizar, na prática, a revolução redentora que promete. Isto é rapidamente percebido pelos grupos engajados no processo revolucionário. Teoricamente existem duas possibilidades: (a) alguém está sabotando a revolução e (b) Marx errou. Como a segunda opção é inaceitável, só resta a primeira. Mesmo que não resulte muito claro quem está sabotando o que, a escolha de líderes paranoicos, que melhor enxergam os culpados, resolve a situação. E assim se constroem os famosos expurgos que acompanham os comunistas por onde eles passem.

Com relação especificamente ao conflito entre as diferentes áreas de pesquisa (humanas, exatas e biológicas), Marx vai conseguir colocar o conhecimento original das ciências humanas numa situação privilegiada. Os sociólogos, ou pelo menos os marxistas, vão sentir que têm o poder de avaliar, julgar e, eventualmente, condenar todas as outras áreas de conhecimento. O fato é que este nível de poder é o sonho mais íntimo de todo pesquisador, dos médicos aos economistas, dos físicos aos pedagogos, sem falar nos assustadores bibliotecários.

Parte da fidelidade dos sociólogos a Marx decorre desta sensação de poder ou, melhor dizendo, da saudade desta sensação de poder, que atinge seu ápice no período pós-segunda guerra. O uso político da legitimidade que o marxismo alcança (em determinados momentos e nunca sem resistência) para definir o que é certo e o que é

errado permite ao sociólogo, e de certa forma a setores das ciências humanas em geral, um poder efetivo sobre a produção do pensamento científico. O chamado “materialismo dialético”, enquanto método científico para demonstrar a verdade, coloca o marxista, e o sociólogo marxista, acima de todas as outras formas de conhecimento “científico”. Só é ciência verdadeira, no sentido forte do termo, a produção de conhecimento engajada na construção revolucionária da sociedade comunista e crítica do capitalismo. Ou seja, todo e qualquer pensador só será reconhecido como comprometido com uma sociedade melhor e mais justa depois de passar pelo escrutínio dos conhecedores do materialismo dialético.

Hoje, com evidentes diferenças, as “Comissões de Ética em Pesquisa com Seres Humanos”, presentes em todas as grandes universidades, parecem procurar exercer uma autoridade igualmente abrangente. Talvez os pesquisadores da área de biológicas estejam reproduzindo o poder de controle e censura, sobre a ciência, que os marxistas da área de humanas detiveram há algum tempo atrás. O messianismo, em si, não é algo totalmente estranho à ciência, como o próprio Feyerabend coloca. O diferencial em Marx está na velocidade de expansão e intensidade de ruptura com as formas sociais e políticas tradicionais.

5.3.- A teoria forja um real que confirma a teoria

Ciência e técnica se distinguem porque a primeira apresenta modelos explicativos do real, na forma de teorias, enquanto a segunda resolve algum problema concreto imediato. Normalmente, a solução técnica tem origem, ou dialoga, com um modelo teórico, mas não necessariamente sempre.

Esta definição se aplica às ciências da natureza, ou às exatas e biológicas. No que se refere às ciências humanas a relação é diferente. Neste caso não existem soluções técnicas no sentido forte do termo, significando a certeza de sempre atingir

determinado resultado se as demais variáveis forem conhecidas e controladas, como uma técnica de engenharia por exemplo.

No caso das ciências humanas duas questões devem ser destacadas. A relação normativa em vez da relação técnica e a definição externa ao objeto do critério de verdade.

Alguns campos das ciências humanas, como direito, economia, política, administração ou pedagogia são de natureza normativa. Ou seja, podem apresentar normas que, uma vez respeitadas, podem aproximar o sujeito da ação a objetivos pré-definidos, com maior probabilidade de acerto do que se ele as ignorasse e tomasse decisões de forma intuitiva ou aleatória. É altamente provável que uma sociedade humana seja mais justa e pacífica adotando a independência entre os poderes executivos, legislativo e judiciário. Ou ainda, é de se esperar que uma criança seja mais bem alfabetizada, mais rápida e de forma mais divertida seguindo um projeto pedagógico. O que precisa ser destacado é que, embora haja uma relação causa e efeito aqui, ela nunca é tão forte e clara como no caso da aplicação de uma solução técnica no campo das ciências da natureza. Nem sempre a independência dos poderes vai gerar uma sociedade mais justa, assim como nem todas as crianças vão ser melhor e mais rapidamente alfabetizadas seguindo um projeto pedagógico. Mas, na média, é muito provável que isto aconteça. Daí ser melhor, no campo das humanas, falar em conhecimento normativo e não técnico.

Pois bem, nas ciências da natureza o critério de verdade, ou de sucesso, de uma intervenção técnica é percebido e comprovado pela observação do próprio objeto onde ocorre a intervenção (na maioria dos casos). Estamos falando de diferentes exemplos, como a restauração da condição de saúde de um paciente ou conseguir construir algo de forma mais eficiente.

Existe aqui uma série de variações que não estão sendo abordadas, assim como zonas de fronteiras que tornam a questão mais complexa. Mas, para efeito do que pretendemos demonstrar aqui, este nível de definição é suficiente. Enquanto nas

ciências da natureza o critério de sucesso é definido e observado no próprio objeto em que se aplica a solução técnica (saúde, eficiência de construção), nas ciências humanas o critério de sucesso é definido antes e externamente ao objeto normatizado.

Nos casos normativos apresentados, por exemplo, partiu-se da premissa que uma sociedade mais justa e pacífica é melhor que uma sociedade mais injusta e violenta. O mesmo se aplica à pedagogia, dá-se aqui preferência a um processo de aprendizado rápido e divertido, mas alguém poderia opinar o contrário, por exemplo, que o sofrimento é bom para forjar o caráter. Fica claro que aqui o sucesso do projeto normativo está atrelado a valores éticos, a valores relacionados com o que se considera desejável e correto, definidos anteriormente e que são externos ao objeto. Desta forma, só é possível avaliar o sucesso, ou não, de proposta normativa conhecendo estes valores definidos anteriormente.

No caso específico de Marx, a relação entre o objeto de estudo e as propostas de intervenção lembra mais a natureza de uma relação técnica do que uma normativa. Com a diferença que Marx inverte a hierarquia dentro da relação.

A chegada do modo de produção comunista é inevitável. É um determinismo histórico. Uma lei de tendência. Nada pode se opor à sucessão dos modos de produção. E o próximo modo de produção, como todos sabem, é o comunismo, a sociedade sem classes e sem estado. Assim, a luta revolucionária e suas práticas, como acirrar as contradições e desmascarar os mecanismos ideológicos do capitalismo, têm que dar certo. A sutileza conceitual do modelo está em que não é a prática revolucionária que leva ao sucesso da revolução. O próximo modo de produção é inevitável, é o fruto do movimento da história.

Este é um dos aspectos mais fascinantes do marxismo: ele coloca tudo no seu devido lugar. E é um elemento importante para que os sociólogos abracem o marxismo. A sociedade, enquanto objeto de pesquisa, é muito complexa. Você começa a estudar um pedaço e aí, do nada, acontece algo fantástico em outro lugar. Quando você começa a estudar o que aconteceu ali, o objeto que você estava

estudando antes evolui em desdobramentos impensáveis. E o sociólogo acaba parecendo um bêbado cercando galinhas.

Marx resolve isso tudo. Ele fixa o elemento final do modelo. Cabe ao sociólogo apenas debruçar-se sobre os detalhes do caminho. Na ciência, o pesquisador nunca sabe aonde vai chegar. Aqui, não existe esse problema. A profecia ensina aonde vamos chegar, trata-se apenas de desfrutar a viagem. A “teoria” se legitima a partir de si mesma.

5.4.- O escritor incansável fecha todas as portas

O modelo marxista é totalizante, abarca tudo o que existe (e o que existirá) dentro da sua própria lógica. Subordina os ramos científicos e destrói as religiões. Quem não abraça o marxismo não tem absolutamente nenhuma legitimidade, é alguém ingênuo ou mal-intencionado, ou ambos. Não há nenhuma possibilidade de diálogo ou interação. Só a conversão humaniza o infiel.

Proudhon e Bakunin vão experimentar isso na pele. O primeiro tem suas ideias apropriadas por Marx, que jamais paga uma dívida intelectual. Prefere destruir os credores. O conceito de valor trabalho deve muito à concepção de Proudhon. Por isso Marx condenou Proudhon à miséria da filosofia. Bakunin acusa, em vida, Marx de autoritário, burocratizante e afirma que o modelo marxista desembocará numa ditadura de quadros.

O modelo marxista se fecha em si mesmo e se completa. Mas, o mais importante parece ser sua natureza excludente. A partir de uma separação claramente maniqueísta tudo o que fica de fora está errado, deve ser convertido ou destruído. A violência está inserida no modelo, inclusive em analogias como ditadura do proletariado e as dores do parto. Esta violência está presente em toda a história da

humanidade, é um traço comum na história das religiões, ou seja, não é uma invenção ou um monopólio do marxismo e de sua manifestação terrena, o socialismo real. Mas sem dúvida é incorporada de forma seminal pelo marxismo e vai acompanhá-lo todo o tempo. A situação limite, talvez, seja a revolução cambojana do Khmer Vermelho e seu líder Pol Pot. A violência, no interior do modelo marxista, se justifica de uma forma quase contábil, por um lado todo o mundo vai morrer mais cedo ou mais tarde e, por outro lado, matar algumas pessoas parece um pequeno preço a pagar para construir o homem novo e uma sociedade justa e solidária, uma sociedade comunista.

Capítulo 6.- Por que os sociólogos erram sempre?

6.1.- Porque é muito difícil

Como já foi comentado, há um problema de origem na sociologia que traz enormes consequências. É impossível separar sujeito de objeto. O sujeito agente da ação de pesquisar é resultado de seu meio social, ou seja, é indissociável do seu objeto de pesquisa. Os historiadores resolvem, em parte, esse problema colocando uma distância temporal em relação ao objeto. Se não se passaram, pelo menos, cem anos, então é melhor não pesquisar. Inclusive porque deve ter um monte de filhos e netos dos sujeitos da pesquisa por perto, vigiando o que se escreve, fazendo pressão, contratando advogados para abrir processos. Espere cem anos. Os antropólogos tentam fazer algo parecido, com menos sucesso, indo pesquisar lugares longínquos, ou atitudes absolutamente estranhas.

No caso da sociologia, não tem para onde correr. Ou o pesquisador abraça um dos lados e compromete toda a sua produção posterior, ou ele tenta exercitar um distanciamento utópico, no estilo Weber, impossível de ser plenamente realizado por um ser humano. Um pesquisador weberiano tipo ideal diria aos demais: se você encontra algum interesse na sua pesquisa, deve abandoná-la porque não existe o distanciamento necessário. Convenhamos, nem o mais assumido masoquista consegue terminar uma tese sobre um tema que lhe é absolutamente alheio. Na verdade, a sociologia parece estar além do que um ser humano consegue fazer (como o resto da ciência também).

Além deste problema, sem dúvida fundamental, temos o problema da complexidade intrínseca ao próprio objeto. A realidade social é, por si só,

extremamente complexa. Não é o caso aqui de tentar comparar a sua complexidade com outras áreas de conhecimento. Acreditamos que a pesquisa em humanas é comparativamente muito mais complexa que as pesquisas das áreas duras, mas de qualquer forma esta não é a questão central.

O conceito de metodologia científica de pesquisa, como já foi colocado, é bastante simples. A ciência, em resumo, consiste num pesquisador que isola, num espaço delimitado, um objeto de pesquisa. Estuda a sua história, composição, coincidências e discrepâncias, controla uma variável específica, faz algum tipo de intervenção e compara os resultados com um grupo controle. O que se refere à história e composição do objeto pode ser mais complicado, ou mais simples, mas em última instância tudo se resume a esta rotina.

Na sociologia, esta metodologia de pesquisa é simplesmente inviável. Ou, para não ser tão taxativo, este método é muito difícil de aplicar, salvo em casos muito específicos. Na verdade, talvez tentar explorar mais esta fórmula seja um dos caminhos para a salvação da sociologia. Durkheim, o único grande teórico que não se viu obrigado a optar pela dicotomia “Marx X Não Marx”, apontava nessa direção com a definição de fato social e a proposta do uso da estatística.

Mas, a questão iniludível é:

- (a) é muito complicado seguir esse caminho porque não se consegue, nem controlar as variáveis de forma eficiente, e nem tampouco construir grupos controles confiáveis.
- (b) toda a tradição de pesquisa no campo investiu em outro tipo de proposta, portanto, não houve investimento sistemático nesta linha (em função inclusive da burocratização do campo como veremos a seguir).

6.2.- Um mau momento

O final do século XX assiste, como apontam Tragtenberg e Feyerabend, a um engessamento da produção científica através da implantação e generalização de mecanismos burocráticos de avaliação e controle. É um processo ruim em si mesmo, por definição, já que limita a liberdade do processo criativo, um elemento fundamental para que exista uma renovação original dos paradigmas no campo. Estes processos de reificação (com a licença pelo uso da palavra) da burocracia constitui um momento em que todos perdem. Mas, como sempre, as perdas não são lineares e homogêneas, uns perdem mais que outros.

De uma forma geral, as áreas duras, ou as ciências da natureza, se adaptam melhor a processos de avaliação e controle que as ciências humanas. Isto não quer dizer que elas não sejam prejudicadas pelo processo de burocratização, Paul aponta isso, mas a natureza da sua evolução, através do aprofundamento da exploração de um paradigma até uma ruptura radical que leva à sua substituição por um paradigma novo, sempre através de um consenso mais ou menos geral, como ilustra Thomas Khun (1996), torna o poder burocrático um pouco menos determinante no que diz respeito ao núcleo duro dos relatos considerados portadores de conteúdo de verdade.

Ao contrário do que acontece usualmente nas ciências humanas, nas ciências da natureza raramente convivem paradigmas distintos ao mesmo tempo. No campo das humanidades, por sua vez, paradigmas mutuamente excludentes podem conviver durante décadas, como ilustra o embate entre marxistas e não marxista, ou ainda piagetianos e behavioristas.

No caso das ciências humanas, e mais especificamente no caso da sociologia, o engessamento burocrático do final do século XX vai acontecer no pior momento possível da sua evolução histórica. Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, as ciências sociais se escancaram para a crise do paradigma trabalho e a urgência de

repensar a relação do campo com o profeta Marx.

O passo seguinte, mais provável, seria a eclosão de um massacre dos marxistas e, por decorrência, a obsolescência dos não-marx já que não teriam com quem brigar, ocorrendo uma renovação a partir de autores não tocados pelo profeta, como Durkheim, e uma nova geração de pensadores jovens e originais. Algo, fazendo uma analogia selvagem, parecido como o que aconteceu com a química atômica depois da explosão da bomba. Que mil flores desabrochem, diria Mao.

O engessamento da produção científica em geral ocorre no pior momento possível se pensarmos, especificamente, na sociologia. O processo, por um lado, abortou o sucesso revolucionário de um novo paradigma e, por outro lado, legitimou burocraticamente as pessoas e as escolas pensamento na posição em que estavam no final do século. O aparato burocrático de avaliação da academia torna muito difícil, para não dizer impossível, expulsar quem quer que seja de sua posição de poder. É preciso esperar que todos se aposentem ou morram. Isto deu sobrevida a um embate teórico entre marxistas e não marxistas que deveria ter sido superado há anos no campo de batalha científico.

O tempo passa, a história caminha, e um debate obsoleto sobrevive como num freezer, cada dia mais distante do mundo real e de interlocutores na sociedade contemporânea. Não é apenas um cadáver que caminha por aí, mas também um cadáver que não dá espaço a outros seres vivos se desenvolverem. Salvo seres marginais, sem importância no meio social, e que, portanto, não o ameaçam. Nenhuma discussão fortemente enraizada no meio social é permitida. Inclusive porque o meio social não atende às suas expectativas. Ficamos limitados, por exemplo, à sociologia da maternidade e da pornografia, para alegria dos jornalistas.

O fato é que o campo científico não parece conseguir sair dessa situação. Poderia se pensar que os sociólogos não conseguem resolver esta armadilha em que entraram por ingenuidade ou falta de iniciativa, mas não é fácil acreditar nisso.

Marx e sua revolução deram muito poder e prestígio aos sociólogos, é compreensível a existência de um grupo importante, encastelado dentro da área, que permanece fiel a ele e à sua memória. Inclusive porque toda escola de pensamento tende a se reproduzir de forma conservadora.

Outro aspecto deve ser observado para pensar o problema da sociologia. A ciência é por definição revolucionária. A única certeza de um verdadeiro cientista é a de que ele está errado e será superado, no tempo, por outros pensadores. Esta característica é, em última instância, o que o distingue o cientista do religioso. Por isso, um pedagogo construtivista, por exemplo, pode odiar um behaviorista, mas isso não o leva a odiar a todos os outros pensadores e nem tampouco, na maioria das vezes, a sonhar com mandar todos os colegas behavioristas do departamento para campos de reeducação num Gulag ou em Kolimá.

Os sociólogos marxistas, assim como os acadêmicos marxistas em geral, são especialistas em revolução. Ninguém entende tanto a revolução como eles e, conseqüentemente, também entende muito bem como tratar com os contrarrevolucionários. Não se trata mais de um embate entre escolas de pensamento, mas entre a verdade e todas as outras formas de pensamento que tentam sabotá-la.

O prof.LA pode trazer alguns testemunhos. Ele viu marxistas na academia fazerem coisas que até deus duvida. É inegável que os comunistas no campo possuem uma grande capacidade para reverter situações desfavoráveis. E, vejam bem, o prof.LA só conviveu com peixes pequenos, militantes que com esforço e disciplina se tornaram quadros, eventualmente, um dirigente local. Não conviveu com dirigentes nacionais ou teóricos dos partidos. Ele pode relembrar o caso, por exemplo, de um colega comunista ortodoxo, defensor rígido da linha adotada pelo partido, com pouca cultura e nenhum senso de humor. Obviamente suas aulas não eram um show de diversão. Mas o problema não era esse. Nas primeiras semanas do um semestre letivo ele começou a ter problemas com duas alunas, que o interpelavam agressivas, o tempo todo, em função sem dúvida de serem membros de outra vertente do

marxismo. Situação incômoda, semestre no início, ele resmungava um pouco, reclama e diz a frase célebre:

“- Vou ter que resolver isso.”

Um mês depois as meninas estavam brigadas, cada uma sentada em um canto da sala de aula. Ele tinha aplicado uma prova e dado nota nove para uma e nota um para a outra. Preste atenção, esses eram os aprendizes de comunista.

Outra historinha do prof.LA. Desta vez se trata de um colega comunista erudito com uma boa cultura geral. Atribuíram-lhe uma disciplina no último semestre do último ano da turma, antes da formatura. Obviamente, ninguém queria nada com nada, o pessoal estava cheio da faculdade e só pensava em se formar e começar outra coisa. O colega ficou indignado: “como é possível que ninguém tenha interesse em aprender os conteúdos de minha disciplina?”

Jamais passou pela sua cabeça que a questão pudesse não ser pessoal, mas ditada pelas circunstâncias e, se passou, não fez nenhuma diferença. Reprovou mais da metade da classe. Ninguém, em seu juízo perfeito, faz isso na universidade. Apesar de a disciplina ser semestral, ela só era oferecida no segundo semestre. Ele atrasou a formatura de mais da metade da classe em um ano. Alunos resmungaram, preencheram requerimentos e petições, mas nada mudou o fato. Inclusive porque todo o mundo sabia, começando por eles mesmos, que não tinham estudado nada.

Pois bem, passa-se um ano e a disciplina é novamente atribuída ao mesmo professor comunista. Três ou quatro semanas de aula e o prof.LA encontra o colega no corredor, todo sorridente:

- Que beleza, você bem-humorado, vamos tomar uma cerveja!

E no bar o colega ria, e ria, e não parava de rir.

- A turma me convidou para ser professor homenageado na formatura!

- Mas cara, você não deu um mês de aula ainda!

- Pois é, e eu fui convidado para ser professor homenageado! Você é professor homenageado? Não é né seu bundão... eu sou. Eu sou professor homenageado e você não é!

E esses eram os comunistas peixes pequenos. Fica uma questão para ser respondida: devem-se admirar os comunistas e desprezar a espécie humana? Ou chegar à conclusão de que eles se merecem?

Vamos em frente. O CMLdC, como já foi colocado, tinha um curso de ciências sociais. Quando isto ocorre, tudo é motivo para chamar o coletivo à greve. O passarinho sujou o vidro da janela, o pessoal chamava uma assembleia e usava o que os velhos comunistas, do fim do século XVIII, chamavam técnica de problematização. Paulo Freire adota um modelo parecido. Trata-se, em resumo, de pegar qualquer aspecto do cotidiano e ir fazendo desdobramentos até converter os ouvintes em proto-comunistas. Por exemplo, perguntar se os ouvintes vieram de ônibus (sim...), mas então o ônibus é muito bom meio de transporte (não...), mas então ele é de graça (não...), mas pelo menos o motorista é bem remunerado (não...), mas, então, eu não estou entendendo: o ônibus é ruim, o preço é alto e motorista ganha mal, como vocês podem me explicar essa situação?

Sempre é bom infiltrar uns companheiros no meio, nunca se deve confiar muito no discernimento das massas. Com a sujeira do passarinho era a mesma coisa, trata-se do princípio, se não fizermos nada agora, amanhã vão vender a universidade para uma multinacional, etc.

O problema é que haviam comunistas morando na cidade do CMLdC, e haviam comunistas morando nas capitais. E eles se odiavam. Um dia, depois da deprimente, longa, quente e tediosa viagem, chegam à faculdade o prof.LA e alguns colegas. Encontram o campus absolutamente deserto. O sindicato, através de uma assembleia, havia decretado greve e ninguém se lembrou de avisar os companheiros trabalhadores

moradores das capitais. Ficam assim os companheiros trabalhadores andando para lá e para cá, desenxabidos, até que o comunista ortodoxo e inculto da primeira historia teve seu momento de humor na vida. Ele fumava e, por questões aleatórias, colocaram para dividir a sala com ele uma professora mais jovem, profundamente comprometida com causas ambientais. A primeira coisa que ela fez foi encher a sala de vasilhos com plantas, a segunda foi encher a sala de cartazes do tipo “não fume, as plantas agradecem” e “cuide da saúde das plantas: não fume aqui!”

Nada terrível, mas irritante. Ele podia continuar fumando na sala, mas sempre tinha alguém do lobby das plantinhas para fazer campanha por elas. Ou ele podia ir fumar fora da sala, o que também não fazia muito sentido considerando que ele ocupava a sala há uns dez anos e ela tinha acabado de chegar.

Pois é, e assim, na intimidade de uma faculdade em greve, ele pega todos os vasilhos de plantas da colega, os enfileira no pátio, e declarava em alto e bom tom:

- Vou mijar nessas plantas!

E urina numa por uma. O prof,LA ficou pasmo, não por ele urinar nas plantas, mas por ele conseguir urinar com tanta gente olhando. Ele observava o quadro e pensava, esse cara não está nem aí para ninguém. Se o partido o mandar matar um sujeito, ele mata o cara e vai para casa sem nenhum problema. A verdade é que haviam alguns riscos envolvidos. Alguém podia ver e fazer uma denuncia, que daria numa sindicância, que daria em transtornos futuros. Era algo totalmente diferente de telefonar para fulana e contar que siclano falou que comeu ela, etc., esperando consequências institucionais. Estavam frente a uma ação direta. Ele olhava para o comunista e pensava que a maioria dos outros colegas comunistas não valia grande coisa. A revolução de outubro de 18 deve ter sido feita com gente do estofado do colega que mijava nas plantinhas!

Voltando ao tema principal, os processos atuais de avaliação da produção científica trouxeram burocratização e engessamento da criatividade, de uma forma

geral, na academia. Ou seja, tornou mais conservadora a evolução de um campo que já possuía uma tendência à renovação conservadora, como apontara Feyerabend. No caso das áreas de conhecimento com forte presença de pensadores marxistas esta dimensão burocratizante vai se somar com todo o conhecimento teórico e prático em lidar com os contrarrevolucionários, no sentido de manter-se no poder. No caso da sociologia esta situação vai ao limite, em função não só da grande presença de marxistas, mas também da lembrança, dentro do campo e no imaginário em geral, de todo o prestígio e poder que a interpretação marxista trouxe aos seus membros num passado recente. Ou seja, eles possuem uma enorme capacidade para ocupar posições de poder no campo, assim como para reproduzi-las no tempo.

6.3.- Um pouco de arrogância

O objeto da sociologia é a relação social, a interação entre agentes sujeitos da ação social. O objeto da ciência política é o poder. Por questões de convivência, de proximidade e competição acadêmica, ambas as áreas acabaram se identificando entre si, e ambas correm atrás do poder.

A diferença é que para a política o poder é objeto de estudo. E para a sociologia o poder é critério de verdade. Marx trouxe isso. O modelo de explicação sociológica com conteúdo de verdade é aquele que se torna realidade na sociedade, ou seja, o sociólogo acerta quando a sociedade, no futuro, adota o seu modelo.

Um dos problemas por trás de tudo isto é a arrogância. O cientista político não compete com César, Napoleão ou Bismarck. Ele se limita a estudá-los à luz da teoria. O sociólogo não compartilha com essa postura humilde. O espaço da teoria é também o espaço concreto da transformação das relações sociais. Na verdade, ele achou um atalho, ou pensa que achou um atalho, que lhe permitirá através do estudo das

relações sociais chegar ao exercício do poder na sociedade. Mas os atalhos, pelo menos na ciência, não são bons. Neste caso é uma incubadora de mistificadores arrogantes e agressivos.

Em resumo, os sociólogos erram porque lidam com um objeto extremamente complicado. Erram sistematicamente porque acertaram sistematicamente enquanto a profecia marxista conseguia expandir-se pela sociedade (na verdade todos acertam já que é impossível errar num mundo polarizado). Quando este processo se esgota (mesmo que o esgotamento seja reversível ou passageiro desde a perspectiva dos marxistas), ambos os contendores vão ter que lidar com o mundo real, de por si complexo, através de um referencial defasado e desconectado do mesmo mundo real.

A sociologia é uma área de pesquisa recente, se comparada com o direito, a filosofia ou a ciência política. Nas áreas com mais tradição o marxismo encontra maior resistência para se implantar, mesmo que tenha ocupado espaços importantes. Com a sociologia, porém, este processo se radicaliza. Como a área é nova ela oferece menos resistência a incorporar o olhar marxista e, ao mesmo tempo abraçar o marxismo lhe dá significativas vantagens na competição com as outras áreas acadêmicas. Surge então uma aliança de interesses. Por um lado, os marxistas buscam “ocupar” uma área de pesquisa reconhecidamente científica para legitimar a profecia. Pelo outro, os sociólogos vão encontrar no marxismo o instrumento metodológico que vai colocá-los na vanguarda da produção de conhecimento, permitindo apresentar para a academia, e a sociedade em geral, textos que convencem e impressionam seus contemporâneos, cujo conteúdo de verdade tende a ser demonstrado pela expansão do socialismo real pelo mundo. No sentido contrário, sempre existe o espaço de denunciar o fracasso da experiência.

No fim da década de setenta, e início dos oitenta, o professor Octavio Ianni, um dos grandes estudiosos de Marx no Brasil, ministrava a disciplina Teoria Sociológica no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da PUC, São Paulo. Ele explicava aos seus alunos, pacientemente, que a pergunta correta não era “se” o comunismo ia

triumfar em todo o mundo. A pergunta correta era “quando” o comunismo ia triunfar em todo o mundo. Fazia esta constatação fundamentada numa lógica difícil de rebater. Nunca (até aquele momento...) um país que se tornara comunista voltara a ser capitalista. Assim sendo, se uma vez adotado o comunismo jamais se voltará ao capitalismo, mais cedo ou mais tarde todos os países do mundo serão comunistas.

Vamos prestar atenção, o nome da disciplina era Teoria Sociológica. O que importa destacar aqui não é a confiança dos comunistas na profecia, mas com que intensidade e dedicação a área de pesquisa em sociologia se entregou a um debate que:

- (a) Mostrou-se falso e desconectado da realidade imediata.
- (b) A pesquisa em sociologia perdeu um século de amadurecimento epistemológico. Ao invés de descobrir, operacionalizar e demonstrar alguns consensos metodológicos mínimos que dessem unidade aos trabalhos, ela fica um século, ou mais, engalfinhada numa luta fratricida, onde duas posições antagônicas buscam destruir-se mutuamente, sem perceber que o tempo está passando e que seu objeto de pesquisa se torna, a cada dia, mais estranho e desconhecido.

Para piorar as coisas o engessamento acadêmico do início do século atual, com seus Qualis, duplos cegos, contagem de pontos, conflitos de interesses, comitês de ética em pesquisa com humanos, etc., congela esta situação impossibilitando, ou retardando, a renovação da área e a construção de novos referenciais de pesquisa, adequados ao momento contemporâneo.

Cabe aqui retomar um conceito de Paul Feyerabend, já citado:

As artes e a filosofia tentaram, e alguns artistas e filósofos estão ainda a tentar superar o relativismo. (...) as ideias que conduzem a um maior número de previsões bem sucedidas são 'objetivamente' ideias melhores. Suponhamos

que as tentativas triunfam. Então, as ciências poderiam ser caracterizadas como aquelas artes que, usando não só as cores, não os metais, não as pedras, mas as ideias, estão não só *a falar do* progresso mas a originá-lo e de um modo que deve ser reconhecido por todos (s. d., p. 184/5).

Essa é a intenção, gerar um progresso que deve ser percebido por uma multidão agradecida. A sociologia, por um breve momento, pareceu ter conseguido realizar este objetivo. Obviamente, era uma miragem mística que se esvaneceu no momento seguinte. Porém, a perda foi dura demais para alguns setores da área de conhecimento, que preferiram continuar ancorados nas suas crenças ao invés de ter que refazer todas suas convicções. Inclusive porque ainda existem espaços organizacionais onde os detentores da visão tradicional da sociologia preservam influência política e cargos na hierarquia burocrática. O sistema de controle da produção científica, que Maurício e Paul já vinham denunciando no final do século passado, apresenta-se agora, a exemplo das reedições de livros, numa nova versão ampliada e revisada.

6.4.- Mais alguns problemas: o ser biológico entre Deus e as sociedades secretas

Bakunin morre fascinado com a ideia das sociedades secretas para mudar o mundo. É o que lhe resta depois de enfrentar Marx. O que significa esta obsessão? Uma opção lógica a partir de sua trajetória de vida e de suas posições ideológicas. O acesso e o diálogo com a massa dos trabalhadores é difícil e, quando os marxistas chegam com seu discurso profético, fica claro que a maioria das pessoas prefere seguir aventureiros bem falantes, portadores de soluções místicas. Os grupos dirigentes e as vanguardas revolucionárias são compostos, em sua grande maioria, por pessoas violentas, autoritárias, manipuladoras e, em última instância, corruptas. O fato de

mostrarem uma inevitável tendência a se matarem entre eles, quanto mais perto do poder estejam, apenas serve para confirmar esta análise.

Toda organização social, pelo menos todas as conhecidas, são de alguma forma uma sociedade de elites (Gutierrez, 2005). O fracasso do projeto militante libertário, e sua materialização no socialismo real, leva Bakunin a dar mais um passo na sua formação intelectual e política. É preciso pensar em outra forma fazer política, capaz de controlar a evolução do processo revolucionário. É preciso descobrir e formar uma nova instância que garanta a pureza e honestidade de revolução.

É conhecida a velha expressão anarquista “quem é a polícia da polícia?” Bakunin tenta avançar nessa linha: quem revoluciona o revolucionário? E aí vai acabar às voltas com as sociedades secretas, sem nenhum sucesso, diga-se de passagem. Na verdade, as sociedades secretas vão superar o próprio Bakunin. É curioso constatar que até a década de oitenta do século passado as sociedades secretas, com seus conhecimentos e poderes misteriosos, eram uma mina de ouro para as editoras, principalmente as francesas. De fato, as sociedades secretas, no período anterior ao fim do socialismo real, eram bastante famosas. Desapareceram do imaginário popular junto com o socialismo real. Podemos dizer que hoje elas são realmente secretas.

Há outras questões que a sociologia se recusa a enfrentar. Podemos começar, apenas como exercício teórico descompromissado, aventando a hipótese de que absoluta maioria das pessoas, em todos os tempos e em todos os lugares, estejam certas e os sociólogos errados. Talvez, como acredita a absoluta maioria das pessoas, Deus existe e interfere no cotidiano humano.

Para um sociólogo concordar com a maioria da humanidade é um absurdo disparatado, mas, apenas como exercício mental, avaliemos rapidamente a questão.

Se, de fato, existir um ou vários Deuses que interferem no cotidiano das pessoas ao seu bel prazer, ou em função de uma escala de valores à qual não temos

acesso, ou ainda em função de uma contabilidade individual que carregasse dívidas e benefícios, de um indivíduo para outro num modelo de reencarnação, torna-se impossível para qualquer pesquisador compreender e analisar a dinâmica das relações sociais. Nesta situação existe um elemento externo que vai definir a evolução dos acontecimentos sociais que, apesar de não ser aleatório, ou ainda justamente por isso, os coloca para além da possibilidade de sua compreensão pelo pesquisador.

É o fim da sociologia dotada de sentido e, na verdade, de toda a sociologia. É um duro destino para a área que, de um lado, precisa ficar o tempo todo batendo nos psicólogos e descartando a possibilidade da definição individual do sujeito da ação social e, por outro lado, tem de viver sob a ameaça velada dos teólogos e seus deuses.

Um dos poucos intelectuais que tentou trazer a religião, mais especificamente o fenômeno cristão (a Cristogênese), para pensar de forma científica o social foi Teilhard de Chardin (1970), agora tão esquecido quanto as sociedades secretas. Tudo é muito complexo nesta área de conhecimento.

Por fim, existe a dimensão biológica do ser. A sociobiologia, uma subárea pouco comentada, tenta avançar a pesquisa no sentido de uma interface entre sociologia e biologia, reduzindo o sujeito racional agente da ação social a um gene que busca unicamente reproduzir-se e sobreviver. Os autores da área, como bons acadêmicos que precisam publicar seus artigos para garantir o salário e passear pelos congressos do mundo afora, ficam no meio do caminho. Há exceções, como o livro “O gene egoísta” (Dawkins, 2007), mas estes textos acabam sendo tratados mais como ficção científica do que como ciência séria.

A sociobiologia vai trabalhar, principalmente, a ideia de que determinados comportamentos sociais, mais ligados a emoções primárias como agressão, fuga e luta, altruísmo, defesa e reprodução teriam uma determinação muito importante da herança genética. A questão que não se coloca claramente é por que se o gene pode determinar alguns comportamentos ele não pode ter consciência? Ou seja, neste caso a sociologia não devia mais pensar num sujeito social consciente e autônomo, agente

da ação social que, numa determinada situação, adota um comportamento influenciado parcialmente por fragmentos de uma herança genética específica. Deveria pensar justamente o contrário, numa combinação genética única e consciente que, a partir de sua própria autonomia no controle da determinação do comportamento do sujeito biológico inserido numa situação social, define as opções e decisões que ele vai vir a adotar. Neste caso, a composição genética, que só pode ser estudada pela biologia, assume o papel determinante no comportamento do agente da ação social. Tudo muito complexo, como já foi colocado.

Capítulo 7.- Mais um caso

Cabe aqui lembrar mais um episódio vivenciado pelo prof.LA em seus tempos de CMLdC. Chegou ao campus a notícia de que um comunista velho, de outro campus relativamente próximo (e ambos longe das capitais), precisava montar a banca para o concurso de Livre Docência, no intuito honesto de ganhar um pouco mais de salário. Aparentemente ele pediu ajuda de um comunista do CMLdC que, por sua vez, tentou ajuda-lo a montar uma banca adequada à situação. No fim, a banca acabou sendo composta por comunistas, quase comunistas, simpatizantes (o prof.LA se enquadrava nessa categoria) e um velho liberal, gente finíssima, amigo de todo o mundo.

O Liberal amigo era uma figura singular, todo um *gentleman*. Chegava na porta da sala e ficava olhando. Aí alguém dizia:

- Entra, pode entrar, tudo bem com você?

Aí ele entrava na sala e...não sentava.

- Pode sentar, fica à vontade o que você quer falar?

E aí ele falava do tempo, perguntava da família, comentava algo de futebol e só depois, com calma, entrava no assunto da visita.

- Veja você, vamos ter eleição para este cargo, quem você está pensando em apoiar? Se conseguíssemos chegar a uma candidatura única, de consenso, seria tão bom...etc.

Ele gostava do cineasta espanhol Buñuel. Comentou inclusive que colocara num filho o nome de um personagem do cineasta. Na época aquilo não chamou a atenção. Todos gostavam de Buñuel. Pensando bem, era meio estranho um professor educadíssimo, liberal, weberiano e fã de um anarquista visceral como Buñuel.

A gente tenta não pensar muito nisso, mas a verdade é que no mais profundo de cada um, vivem demónios insondáveis.

E lá se foram os professores salvar o concurso do comunista amigo. Foram num carro da universidade e, como era comum entre comunistas, convidaram o companheiro trabalhador motorista para almoçar com eles. Era uma atitude interessante porque, por um lado tinha um lance legal de igualitarismo entre trabalhadores e, segundo, porque você consegue mais e melhores informações sobre o que cada professor está fazendo na unidade almoçando com o motorista do que almoçando com o diretor.

Os motoristas deviam ser muito requisitados pela polícia secreta nas universidades da União Soviética.

Neste tipo de evento é comum os membros da banca se preocuparem com a sua liberdade de trabalho e possíveis interferências e pressões decorrentes dos problemas e disputas internas da unidade. Logo que chegaram foram convidados à sala do diretor onde ele, e a vice-diretora, deram as boas vindas com um discurso que começou padrão e acabou meio estranho.

- Bem-vindos! Muito obrigado, fiquem totalmente à vontade, sintam-se com toda a liberdade para fazer a avaliação do nosso colega (e aí a coisa começou a ficar esquisita) inclusive se vocês quiserem reprová-lo, não se sintam constrangidos... nós entendemos perfeitamente, se for essa a decisão nos vamos compreender e apoiar a banca.

Segue o processo, montam a banca, abrem-se os trabalhos, o primeiro arguidor comenta algo, o segundo também, até que o presidente dá por encerrado as arguições... quando o Liberal amigo pigarreia e fala:

- Gente, eu ainda não fiz minha arguição.

Surpresa, constrangimento, o presidente fala, com apoios murmurantes de todos

os outros membros:

- Pelo amor de Deus, me perdoe, que vergonha! Claro, por favor, professor sua arguição, mais uma vez me desculpe!

Há uma antiga maldição chinesa que diz: espero que você viva tempos interessantes. Na verdade, o que o chinês mau está desejando que outro viva guerras, revoluções e grandes transformações sociais.

Átila e a invasão dos Hunos, a blitzkreig alemã, a operação americana Tempestade no Deserto... esses homens acham que viveram situações violentas. Não é verdade. Eles acham isso porque não viram a arguição do Liberal amigo. Não sobrou pedra sobre pedra. Frio, sistemático, calculista e técnico. Uma arguição da mais alta qualidade. Na academia, principalmente nas mais importantes universidades, é comum ver alunos serem humilhados, tratados com desprezo e ironia, frente a uma situação de inferioridade. Mas aqui, eles estavam frente a outra coisa, algo diferente, estavam frente à destruição absoluta de uma ideologia. Um massacre, sem nunca fugir das regras do debate acadêmico:

- Vejo que você, na página doze, coloca o seguinte (...), para minha surpresa, na página 88 eu leio o seguinte (...), realmente tenho dificuldade em conciliar essas duas afirmações...

- Vejo que você afirma que Marx, frente à situação X, defende Abacate, se não me falha a memória, por favor colegas me ajudem se eu estiver equivocado, eu não sou mais um jovem (quando um bom acadêmico começa com esse discurso é porque ele está absolutamente certo do que está falando...), Marx no Capítulo Inédito, discutindo exatamente essa mesma questão, afirma Repolho.

Não sobreviveu um parágrafo ileso, um massacre dissertativo.

Ficaram duas lições. A primeira é: existe vida inteligente (e muito) entre os liberais e, a segunda, JAMAIS, repetindo JAMAIS subestime um sujeito que coloca

num filho o nome de um personagem de Buñuel.

Uma vez o desastre consumado, a banca pediu para o público e o candidato saírem da sala e, depois de falar um pouco sobre futebol e mulheres, chamaram de volta os interessados.

Aprovado, parabéns, palmas, fotografias, tudo acabou bem, todos se salvaram.

O prof.LA aproveitou a confusão dos abraços e foi ao banheiro, vai lá saber quando o companheiro trabalhador motorista ia parar o carro para uma pausa! E no banheiro ele encontra, num mictório, o nosso candidato comunista. É sempre uma cena constrangedora, o sujeito fica olhando um ponto perdido no horizonte... até que o prof.LA se sentiu obrigado a falar alguma coisa.

- E aí, como você se sente sendo o livre docente mais fresco da universidade?
(é uma piada clássica...)

E aí o cara responde com uma frase lapidar, admirável, ainda mais vinda de um sujeito que foi atropelado por um rolo compressor.

- Colega, essa nossa área de estudo, como é complicada!

Observações finais:

Quando alguém se arroga o direito de afirmar que o outro está errado, é de se supor que ele saiba como se faz certo... No nosso caso específico, “porque os sociólogos erram sempre?”, a questão não apresenta grandes desafios. Neste sentido, e buscando alguma coerência com exposto anteriormente, tentaremos resumir os aspectos centrais que parecem necessários para tornar a pesquisa em sociologia algo minimamente próxima da ideia de uma área acadêmica de conhecimento.

É uma proposta obviamente arrogante, mas é inevitável conviver com uma área muito tempo sem incorporar algumas de suas características.

- 1.- Superar e transcender o debate entre a profecia e as denúncias da sua inviabilidade.

Perdeu-se muito tempo num debate que não soma nada para a construção de uma área de conhecimento científico. É preciso transcender o debate entre Marx e o anti-Marx e avançar na construção de consensos mínimos na área. Não se trata simplesmente de abandonar Marx, mas também de ignorar textos de autores que dialogaram com o marxismo ou se fundamentam exclusivamente na sua crítica.

Inclusive porque, a crítica mais recente ao marxismo consiste em textos que buscam, em essência, explorar sentimentos de crise ou culpa dos marxistas. Podemos usar como exemplo o livro de Habermas intitulado “Para a reconstrução do materialismo histórico” (2016). Ele não quer efetivamente reconstruir nada, inclusive porque o marxismo não permite sequer reformas, quanto mais reconstruções. O autor está, isso sim, envolvido no processo de construção da sua Teoria da Ação Comunicativa que já vem sendo montada em vários textos, anteriores à sua formulação definitiva em 1987, como já foi apontado (Gutierrez, 2002).

E está também procurando:

- (a) manter aberto o diálogo com os adeptos de um referencial que ele, como ficará demonstrado depois, considera equivocado, mas que podem ser atraídos para seu modelo de explicação de mundo.
- (b) manter sua legitimidade junto a um grupo com forte influência na academia e nos meios de comunicação e
- (c) por fim, mas não menos importante, vender livros.

Para o desenvolvimento da sociologia mais importante é resgatar as fontes de Marx. Estamos falando de um leitor voraz, que pegou o que de melhor existia na sua época e que, como profeta maldito, excomungou as melhores influências. Podemos pensar em Bakunin, mas a verdade é que só Proudhon teve o duvidoso privilégio de ver Marx escrever um livro inteiro exclusivamente para humilhá-lo. Se existe uma fonte intelectual para transformar o mundo é Proudhon. A tese de doutorado de Fernando Claudio Prestes Motta, “Burocracia e Autogestão: a proposta de Proudhon”, editada pela Brasiliense (Motta, 1981) e disponível na internet, é uma excelente introdução ao pensamento do intelectual francês. Fica claríssima ali a atualidade de um pensamento revolucionário que não precisa nenhuma ajuda de Marx.

2.- As sociedades contemporâneas são complexas, diversificadas e caracterizadas pela convivência de uma enormidade de sujeitos desempenhando papéis sociais diferentes. O traço fundamental de todas as sociedades é a formação de elites. Os membros de cada grupo de papéis sociais diferenciados se reconhecem entre si como tal, e agem para a construção da sua elite, ao mesmo tempo em que desenvolvem os critérios para ingresso e permanência em seu interior. Isto foi exposto em outro momento e não é o caso de retomar a discussão agora (Gutierrez, 2005).

O conceito de elite, portanto, deve ser considerado em dois sentidos:

- (a) é o elemento fundamental que permite compreender as sociedades e
- (b) uma explicação da sociedade só vai se disseminar e se legitimar desde que atenda aos critérios de formação da elite do grupo que a produz, ou seja, a elite dos pesquisadores acadêmicos que estudam a sociedade.

A compreensão do conceito de elite cumpre, assim, um duplo papel. É fundamental para entender a sociedade que está sendo estudada e, ao mesmo tempo, marca as características da explicação de mundo em função do projeto pessoal dos pensadores da área em entrar, e permanecer, na elite de grupo de pesquisadores que apresentam explicações de mundo que conseguem se generalizar.

3.- Todo conhecimento advém da realidade material, e só a observação da realidade material pode produzir conhecimento com conteúdo de verdade. A sociologia é uma área de pesquisa estritamente materialista. A realidade material, tal qual é percebida pelos sentidos humanos, é por definição verdadeira, salvo casos patológicos que são objeto de pesquisa da medicina. A concepção materialista de mundo não é uma exclusividade do marxismo. Parece fundamental construir um consenso sobre este conceito para conseguir fazer avançar a produção sistemática em sociologia. Podemos pensar na contribuição, entre outros, de George Santayana, um pensador que trabalha muito bem a ideia da concepção materialista de mundo. Seu livro “Escepticismo y fe animal” (2002) é um exemplo.

4.- O ser humano é basicamente racional, onde a racionalidade não é o simples uso de modelos lógicos ou matemáticos para a tomada de decisões, mas a adequações destes modelos para seu uso na vida material cotidiana em sociedade. Não é uma questão fenomenológica ou da percepção dos sentidos. É a capacidade de decodificar os dados dos sentidos aproximando-os do mundo real para definir ações sociais coletivas, mediadas pela linguagem. Se, de fato existe, uma interferência regular não humana no desenvolvimento da

sociedade, ela pode ser incorporada ao modelo e sua interferência compreendida.

5.- O comportamento humano é fortemente influenciado, e, portanto, definido, pelo grupo social em que ele está inserido. Sempre existe, portanto, a possibilidade de a sociologia ser uma área científica de conhecimento.

Um comentário sobre a Bibliografia

Entre as muitas leis não escritas que regem a academia existe uma que dita o seguinte:

“Em teus textos só citarás:

Parágrafo 1 – Autores que já te citaram anteriormente em seus textos.

Parágrafo 2 – Autores que já morreram.”

A verdade é que toda referência bibliográfica tem certo grau de falsidade ao mostrar desiguais como se fossem iguais. Para escrever este livro o autor fundamental é, sem dúvida, Eric Hoffer. Desde a queda do muro e a chamada crise de paradigmas é recorrente a discussão e a reflexão sobre os problemas que as ciências humanas têm, e em particular a sociologia, para tentar acompanhar as transformações contemporâneas. Hoffer mostra que a situação atual não é resultado do destino ou obra do acaso. É fruto de sucessivos erros que afastam a área do seu objeto de pesquisa. O passo seguinte era buscar explicações em autores de formação que anteciparam a questão, como Maurício Tragtenberg e Paul Feyerabend. Por fim, embora não seja citado diretamente, o livro não teria o formato apresentado sem um conhecimento sistemático da obra de Karl Marx.

Referências

Para sossego dos nossos orientandos, ao contrário dos orientandos de Habermas que, provavelmente, tiveram de trabalhar na coleta das quinhentos e quarenta citações presentes na Teoria da Ação Comunicativa, vamos nos limitar aqui a apontar os autores que tiveram trechos específicos citados no livro e àqueles que podem ajudar uma compreensão mais ampla das ideias expostas.

BAUDRILLARD, Jean. Forget Foucault, Semiotext, Los Angeles, 2007 (trad. Phil Beitchman, Lee Hildreth e Mark Polizzotti).

BION, Wilfred R. Experiências com grupos, Imago, 1970.

BORGES, Jorge Luis, Aleph e A Loteria da Babilônia in Ficciónário: una antologia, Fondo de Cultura Económica, México, 1985.

CELINE, Louis Ferdinand. A vida e obra de Semmelweis, Cia. das Letras, São Paulo, 1998 (trad. Rosa Freire D'Aguiar)

CHARDIN, Teilhard de. O fenômeno humano, Tavares Martim, Porto, 1970 (trad. León Bourdon e José Terra)

DAWSKIN, Richard. O gene egoísta, São Paulo, Cia das Letras, 2007, (trad. Rejane Rubino).

Dicionário de Ciências Sociais. FGV, Inst. de Documentação Benedicto Silva, coord. geral Antônio Garcia de Miranda Netto, Rio de Janeiro, ed. FGV, 1987.

FEYERABEND, Paul. Tratado contra el método. Tecnos, Madrid, 2007, (trad. Diego Ribas).

_____. Adeus à razão. Edições 70, Lisboa, s.d. (trad. Maria Gorgina

Segurado)

_____. Por que no Platon. Tecnos, Madrid 1985.

_____. La conquista de la abundancia: la abstracción frente a la riqueza del ser. Paidós, Barcelona, 2001. (trad. Radamés Molina e Cesar Mora).

GUTIERREZ, Gustavo Luis. A contribuição da Teoria da Ação Comunicativa para a pesquisa sobre o lazer, in BRUHNS, Heloisa Turini, Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes, São Paulo, Chronos, 2002.

_____. Alianças e grupos de referência na produção do conhecimento, Autores Associados, Campinas (S.P.), 2005.

_____. Proudhon encontra Fernando Prestes Motta na sala dos espelhos, Revista Org. & Demo, Marília, v.9, n. 1/2, p. 7-18, jan/dez 2008.

_____. Trinta anos pensando a forma da empresa autogerida, Revista Org & Demo, v. 13, n, 1 p 23-36, 2012.

_____ e ALMEIDA, Marco A. B. Teoria da ação comunicativa (Habermas): estrutura, fundamentos e implicações do modelo, Revista Veritas, Porto Alegre, vol 58, n. 1, 2013.

HABERMAS, Jurgen. Teoria de la Acción Comunicativa, Madrid, ed. Trotta, 2010. (trad. Manuel Jiménez Redondo).

_____, Para a reconstrução do materialismo histórico, Edunesp, São Paulo, 2016 (trad. Rurió Melo).

HOFFER, Eric. O intelectual e as massas, Lidador, Rio de Janeiro, 1969 (trad, Sylvia Jatob).

KHUN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas, Perspectiva, São Paulo, 1996 (trad. Beatriz V. Boeira e Nelson Boeira)

LASKY, Harold J. O manifesto comunista de Marx e Engels, Zahar, Rio de Janeiro, 1982 (trad. Regina Lucia F. de Moraes)

LYOTARD, Jean François. A condição pós-moderna, José Olympio, Rio de Janeiro, 1988. (trad. Ricardo C. Barbosa)

MARCUSE, Herbert. Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud, Zahar, Rio de Janeiro, 1975 (trad. Álvaro Cabral)

MERQUIOR, J. G. Foucault, University of California Press, Berkeley, Los Angeles, 1987.

MOTTA, Fernando Claudio Prestes. Burocracia e autogestão (a proposta de Proudhon), São Paulo, Brasiliense, 1981.

PORTELLI, Hugues. Gramsci e o bloco histórico, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977 (trad. Angelina Peralva).

SANTAYANA, George. Escepticismo y fe animal, Ed. Losada, Buenos Aires. 2002, (trad. Raul A. Piérola e Marcos A. Rosemberg)

TRAGTENBERG, Mauricio. A delinquência acadêmica: o poder sem saber e o saber sem poder. Rumo, São Paulo, 1979.

TRIGO, Luciano. Entrevista com Bourdieu. O Globo. Rio de Janeiro, Segundo Caderno, 27/10/1995, p. 5.